

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**





HORACIO DE CARVALHO

# O Káf, 2, de João Ramalho

---

S. PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»

1903



HORACIO DE CARVALHO

# O Káf, 3, de João Ramalho

---

Destacado da *Revista*  
do *Instituto Historico e*  
*Geographico* de S. Paulo,  
de 1902.

---

S. PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903



A

Dr. Mundim

com a estampa

de Julio Germano

Horacio de Carvalho

25. X 65

A proposito de João Ramalho

---

*Meus Senhores*

Bem acertado andou o Instituto, em uma das suas sessões anteriores, não encerrando o debate motivado pelo parecer da commissão nomeada para examinar, em papeis publicos do Archivo da Camara Municipal de S. Paulo, a assignatura de João Ramalho.

O assumpto não estava, de facto, exgottado, e seria pena pô-lo assim á margem sem esperar, depois de publicado o parecer, pelo esclarecimento ou elucidação da questão por parte de outros estudiosos das cousas patrias.

Que as investigações proseguiram, prova-o esta valiosa contribuição que ora tenho a satisfação de apresentar ao Instituto, feita pelo nosso digno consocio, o sr. Horacio de Carvalho, director do *Diario Official* do Estado, o qual, possuindo conhecimentos da litteratura oriental, e por mim consultado sobre aquelle signal curvo verificado na assignatura do famoso aventureiro, deu-se ao arduo trabalho de investigar, e fel-o com tanto interesse e largueza de vista,

que escreveu essa monographia, testemunho bem real da sua erudição e competencia na materia.

Declaro ao Instituto que, no intuito de aprofundar o assumpto, deixando-o extreme de toda duvida, cheguei a appellar para alguns especialistas estrangeiros e tenho a promessa de um delles de que a questão do signal symbolico, submettida a orientalistas competentes, terá em breve uma solução satisfactoria, confirmando de certo os resultados a que chegou o nosso erudito consocio.

O trabalho deste, como vedes, é longo e tão enriquecido de citações, desenhos e signos, como a materia o exigia, que difficil, sinão impossivel, será ao auditorio comprehendel-o sem ter cada qual deante dos olhos o proprio texto com todos os seus signaes cabalisticos e caractéres hebraicos, cuja origem e interpretação nos dá tão minuciosamente o nosso distincto collaborador. Esse interessante estudo é antes, porém, para ser lido do que ouvido.

Entretanto, apresentando-o ao Instituto, para que devidamente o aprecie e lhe dê publicidade em a sua *Revista*, não me furtarei ao dever; muito legitimo, de communicar-vos os resultados a que chegou o sr. Carvalho, chamando ao mesmo tempo a attenção do Instituto para a relação bibliographica do fim do manuscripto, onde se vê, pelo numero dos auctores consultados, quão longo e escripto foi o estudo a que se entregou o auctor.

No parecer que a commissão de que fui relator apresentou ao Instituto, tínhamos chegado á conclusão de que as assignaturas de João Ramalho, examinadas no Archivo da Camara, não eram de seu proprio punho, e que tão sómente o signal curvo, feito a traço grosso, interposto ao nome e ao appellido, é que se podia attribuir ao famoso alcaide-mór.

O exame desse signal curvo deu então logar á hypothese bem plausivel de que fosse elle um symbolo judaico, isto é, o *kaf*, , equivalente á cruz, e que João Ramalho, sendo analphabeto, empregando-o, se revelava *judeu*.

Este estudo do sr. Horacio de Carvalho teve por fim, como elle proprio o diz, habilitar-me a sustentar, pelo menos, o *Esoterismo* do signal *kaf*, , exactamente equivalente ao signal + e, portanto, seu substituto legitimo segundo a interpretação historica do judaismo primitivo.

Quanto ao valor cabalístico do signal usado pelo alcaide-mór, eis o que nos diz o Sr. Carvalho :

«Si o signal da sua assignatura é o *kaf*, , elle, João Ramalho, dada a *hypothese kabbalistica*, oppunha, com a inscripção desse signal, a sua fé á fé catholica, apostolica, romana, dos padres com quem teve de se chocar nas novas terras recentemente incorporadas aos dominios ultramarinos de Portugal. Num dos actos mais solemnes, mais graves da vida, porque se referem ao character, ao sentimento da justiça e do

direito ; no acto em que, lançando a sua assignatura, escrevendo o nome da sua pessoa, affirma o Homem a sua individualidade, a destacar-se da de seus simi- lhantes — *nesse acto salva João Ramalho a sua consciencia, assignando de*  *nas actas e demais documentos publicos de então.* Conhecedor do novo meio social em que vivia, talvez o fizesse elle com a certeza absoluta de que ninguem surprehenderia naquelle pantaculo hermetico a significação que os kabbalistas lhe ensinaram ; talvez o fizesse certo de que não veriam no symbolo mais do que um *simples signal differencial* dos outros signaes então usados. E assim sendo, elle não se revelaria o que era, evitaria a possivel perseguição, sem deixar de continuar a ser, perante Deus e a sua consciencia, o sectario da cruz hebraica, secreta e symbolica, do  ideographico, do *Christo em espirito*, nunca humanado, identico ao Pae ou a Deus...

«João Ramalho tinha, pois, no  a *cruz occulta*. E si elle não empregou a cruz romana, foi certamente para não ser em seu credo religioso confundido com os sectarios do Romanismo».

Quanto ao valor do , como synthese, como realização, eis o que nos revela o nosso estudioso consocio :

Elle, o *Kaf*, « é a cruz tetra-grammatica,  $\aleph \frac{\gamma}{\vdash} \pi$ ,  
o symbolo *ineffavel* da SCIENCIA SECRETA, do ensina-

mento e do poder dos iniciados; é a *realização* dessa *sciencia*, o talisman que facilita o *dominio* e que rasga o caminho á *riqueza*».

«O *Kaf*, **ⴁ**, é pois, nesta terceira hypothese, uma grande *synthese magica*, um pantaculo hermetico, um talisman de altissimo valor kabbalistico — o symbolo escolhido para a significação da sua fé religiosa.

«João Ramalho o inscreveu de permeio á sua assignatura em nome talvez dessa grande e purissima fé primitiva e em nome tambem das suas aspirações de *Poder*, *Dominio*, *Felicidade* e *Riqueza* ».

E, pois, apresentando ao Instituto esse trabalho do nosso digno consocio, seja-nos licito esperar que elle provoque a attenção dos competentes, quer daqui quer do estrangeiro, e que o problema historico tenha a condigna solução.

S. Paulo, 4 de Outubro de 1902.

THEODORO SAMPAIO

---



ILLUSTRE AMIGO DR. TH. SAMPAIO.

Para satisfazer ao seu desejo tratei de examinar tudo que pudesse referir-se ao *signal*, *rubrica*, *hieroglypho* ou *hierogramma monogrammatico* do mysterioso João Ramalho.

Não perdi de vista que o que você queria de mim era exclusivamente tudo que pudesse fortalecê-lo na convicção que se está formando em você — de que *João Ramalho era judeu*.

O meu trabalho foi nesse sentido, com intuito de habilitar-o a sustentar pelo menos o ESOTERISMO do signal *Káf*,  $\beth$ , exactamente equivalente ao signal cruz,  $\dagger$  e, portanto, seu substituto legitimo segundo a interpretação historica do judaismo primitivo.

Isto,—no caso de ter sido o *káf* a letra empregada por João Ramalho.

Não são grandes e nem provavelmente indiscutíveis os conhecimentos que tenho hoje dessa materia, formados longa e pacientemente numa certa ordem de estudos que é sympathica e salutar ao meu espirito. Pondo esses pequenos conhecimentos ao alcance de sua mão — delles tirará o seu formoso talento conclusões

importantissimas que, com certeza, eu nem sequer prevejo.

Tive que ser longo, porque não podria deixar de fazer-lhe um resumo da *parte historica* do Esoterismo, resumo que, por sua natureza, apesar de o encurtar o mais que pude, ainda assim excedeu bastante os limites por mim imaginados.

Seja como for, ahí vai o meu estudo. Si elle não estiver na altura do fim a que se destina, quero merecer-lhe o favor de m'o emprestar depois — para eu tirar uma cópia.

São Paulo, 21 de Agosto de 1902.

Am.º obr.º

HORACIO DE CARVALHO

---

## AO LEITOR

---

O nome do portuguez *João Ramalho* é um dos primeiros que o estudante de historia patria encontra no limiar da nossa nacionalidade.

Ninguem sabe ao certo o anno em que elle veio para o Brazil, e ainda é ignorado como e para que veio.

Não faltam, no entanto, investigações sobre esses pontos obscuros, — e do material, difficil e pacientemente reunido pelos estudiosos, se póde concluir que Ramalho aportou em terras brasileiras durante o septennio que vai de 1510 a 1517.

Ter chegado a essa limitação de sete annos, já é uma bella conquista em Historia.

Dado o tempo e o meio, Ramalho attingiu a altas posições no Brazil, e veio a morrer, já velho e alquebrado, em 1580, anno em que Portugal perdeu, na pessoa do cardeal D. Henrique, o seu rei e o intolérante inquizidor-mór da Companhia de Jesus, e que foi tambem o inicio dos 60 annos do atribulado dominio hespanhol.

Primeiro, guarda-mór, e depois alcaide-mór da villa de Santo André da Borda do Campo (1), nas *Actas de vereança* de Santo André e nas de S. Paulo de Piratininga, hoje pertencentes aos archivos da Municipalidade de S. Paulo, se encontram assignaturas de João Ramalho, nas quaes os dous nomes são invariavelmente separados por um traço curvo, com abertura para a esquerda. Assim: 

---

(1) Povoação fundada por João Ramalho no segundo quartel do século XVI e nas visinhanças da actual villa de S. Bernardo, que fica entre S. Paulo e Santos, e por onde passava a antiga estrada de rodagem que ligava as duas cidades.

Em Abril ou Maio de 1902 em, os dros. Theodoro Sampaio, J. L. de Almeida Nogueira, J. L. Flacker, João Mendes Junior e diversos outros cavalheiros, fomos em exploração ao antigo local da extincta villa de Santo André, — hoje difficilimo de ser positivamente determinado. Em um dos pontos indicados pela tradição e já coherito de cerrada capoeira, apenas verificámos aqui e alli restos de taipa mal emergidos do solo, restos esses de um grande tapume em quadrilatero, — e, mais adiante, no fundo de um pequeno valle, os restos de um aterro de represa, que existiu em tempos remotos.

Chegado á Bahia a 29 de Março de 1549, Thomé de Souza, 1.º governador geral do Brazil, vein a S. Vicente em Fevereiro de 1553 para vêr com os proprios olhos como iam indo as consas das capitánias do sul. Mezes depois transpoz elle a serra do Cuhatão e veiu ter a Santo André, então residencia de Ramalho. Em consequencia dessa visita foi Santo André elevada a villa em 8 de Abril de 1553.

Como se sahe, era em S. Vicente a séde dos jesuitas, então entregues ao serviço de catechese dos indios. Era lá que elles tinham o seu «*Collegio*», assim distante de «serra-acima», distancia que, por as im dizer, ainda maior se tornava por causa da difficil travessia da *Serra do Cubatão*.

Nos padres jesuitas, dos quaes era geral Manoel da Nobrega, amadurecera, pois, o pensamento de transferir para serra acima a sua séde ou collegio, para melhor e mais promptamente acndirem ás necessidades da catechese. Examinados os logares, foram lançados a 25 de Janeiro de 1554 os primeiros fundamentos da actual cidade de S. Paulo, a antiga *S. Paulo de Piratininga*.

Seis annos depois (1560), achando-se então em S. Vicente o 3.º governador geral Mem de Sá, amigo de Manoel da Nobrega, — satisfazendo a um pedido do geral dos jesuitas, den a S. Paulo o titulo de villa, em detrimento da de Santo André.

Todo o pessoal administrativo de Santo André passou-se, pois, para S. Paulo. Como era natural, houve um exodo: — Santo André cessou de prosperar, Santo André foi decahindo, até que se extinguiu totalmente.

E' evidentemente um signal ideographico, e só o contestará quem ignorar os habitos daquelles tempos.

A assignatura de João Ramalho é, pois, lançada assim: João  Ramalho.

Este signal despertou a curiosidade de alguns membros do nosso INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO (1).

— Que diabo de signal seria esse? Qual a sua significação? E porque esse e não outro signal, quando lá, nas mesmas *Actas*, ha outros nomes com a assignatura de cruz (†)?

Foi-se pensando e estudando, e as idéias começavam a tomar corpo.

Surgira a questão do *analphabetismo* de Ramalho: — Ramalho não sabia escrever. Depois, a do seu *judaismo*: — quem sabia lá si o alcaide-mór não tinha sido judeu?! A attitude que elle sempre manteve para com os jesuitas, habitualmente reservada, negativa em relação á Egreja (culto externo), severa ás vezes e aggressiva em certas circumstancias — tudo isso justificava a hypothese.

Talvez que aquelle signal existisse nas tradições judaicas...

E foi então que, de pesquisa em pesquisa, se chegou ao resultado de que tal signal poderia ser o *K*

---

(1) As assignaturas de João Ramalho foram photographadas e zinco-graphadas, e figuram em diversos clichés na *Revista do Instituto* de 1902, para esclarecimento do assumpto.

hebraico (*káf*), manuscrito, que não tem na escripta vulgar a exactidão do *káf* fundido, da letra de fôrma.

Mas que significação poderia ter esse *kaf* relativamente á crença religiosa do mysterioso João Ramalho?

Quando a questão chegou a este ponto, já uma *Commissão* tinha sido nomeada para, por assim dizer, estudar oficialmente o assumpto, e apresentar o seu parecer ao INSTITUTO. Após detido exame das referidas *Actas*, affirmara a *Commissão* (1) em parecer de 16 de Maio de 1902:

*I.—Que as assignaturas de João Ramalho, por baixo das actas de vereança, ou são do punho do escrivão ou do de algum vereador que então servia com o alcaide-mór;*

*II.—Que todas essas assignaturas encerram um signal curvo, ou arco, em fôrma de ferradura, com a abertura voltada á esquerda, interposto ao nome e ao appellido, signal feito pelo proprio João Ramalho, e do qual se evidencia, pela grossura do traço ou pela maneira de o figurar, que o alcaide-mór não tinha habito de escripta ou, melhor, que não sabia escrever;*

---

(1) *Commissão de verificação das assignaturas de J. Ramalho nas Actas de Vereança de Santo André da Borda do Campo*, composta dos d<sup>rs</sup>. Theodoro Sampaio, Orville Derby e Antonio de Toledo Piza.

III.—*Que esse signal não é nenhum ornato, porquanto apparece elle invariavelmente em todas as assignaturas, ainda que estas sejam escriptas por punhos differentes, isto é. pelos escrivães ou outros vereadores;*

IV.—*Que o signal referido é de facto o que para si adoptara o alcaide-mór, porque só em assignaturas é que esse signal apparece, não se o figurando jámais no corpo das actas, quando occorre escrever-se o nome João Ramalho.*

Isto dito, é natural que o leitor deste opusculo deseje vêr uma das assignaturas de João Ramalho lançadas nas *Actas de vereança* de Santo André, facsimile em zincographia.

Eil-a :



A 5 de Junho do mesmo anno o dr. Manoel Pereira Guimarães, em longo e bem feito estudo, impugnava calorosamente esse parecer, protestando contra o *analphabetismo* e o *judaismo* que se queria attribuir

ao velho alcaide-mór, e contra expressões a elle referentes, tiradas de chronistas da epocha, duras quasi sempre e ás vezes mui deprimentes.

Foi nessas condições e durante a pugna in-cruenta e fecunda — que eu tive a honra de ser chamado á arena pelo meu velho e illustre amigo Theodoro Sampaio, que grande e definitiva luz tem lançado sobre tantos e tão importantes problemas da nossa historia e da nossa geographia.

Já então estava o INSTITUTO dividido em duas correntes de opinião, uma pela *hypothese-Sampaio* e outra pela *negativa-Guimarães*, e novos trabalhos iam sendo apresentados e lidos, trabalhos que figuram todos na *Revista do Instituto*.

A questão estava, pois, aberta, e ainda hoje (1903) o está no seio do nosso laborioso INSTITUTO, — aberta e renhidamente discutida pelos dous campos oppostos. Pena é que os luctadores ainda sejam em diminuto numero, porque quanto maior for a concorrência, tanto mais depressa se chegará presumptivamente a uma solução definitiva.

O humilde subsidio que forneci a Theodoro Sampaio foi por elle apresentado ao INSTITUTO, mas não foi e nem poderia ter sido lido em sessão, devido á abundancia de symbolos, signaes, pantaculos, etc., que nelle se encontram e que não têm nomes *legíveis*, capazes de, *pronunciados*, darem uma idéia da cousa que significam.

Esse subsidio historico é o presente trabalho que, no luminoso debate do INSTITUTO, infelizmente não passa de parte minima, devido a só se ter limitado á interpretação de uma letra hebraica, o *káf*, כ — dado que o *káf* tenha sido o signal empregado por João Ramalho.

Eis o que me era preciso dizer aos poucos leitores que vão manusear este opusculo destacado da *Revista do Instituto*, e que não sei si terão a santa paciencia de affrontar um assumpto desta natureza, tão arido e tão sem poesia, tão subtil e tão antipathico ao grande esforço que exige da attenção.

A questão continúa, pois, aberta, e eu desejo que a luz se faça em toda a linha, seja do lado de que hypothese for.

Terminando esta pallida exposição do assumpto, seja-me licito aproveitar esta opportunidade para agradecer a Theodoro Sampaio as palavras amigas, mas só de amigo, com que a sua proverbial generosidade se referiu ao meu humilde trabalho quando o apresentou ao INSTITUTO e delle tirou as conclusões em synthese.

*S. Paulo,*  
*Abril de 1903*

HORACIO DE CARVALHO

---



**A ASSIGNATURA SYMBOLICA**

**DE**

**JOÃO RAMALHO**

**INTERPRETADA COMO SI FOSSE O KÁF HEBRAICO — 2**



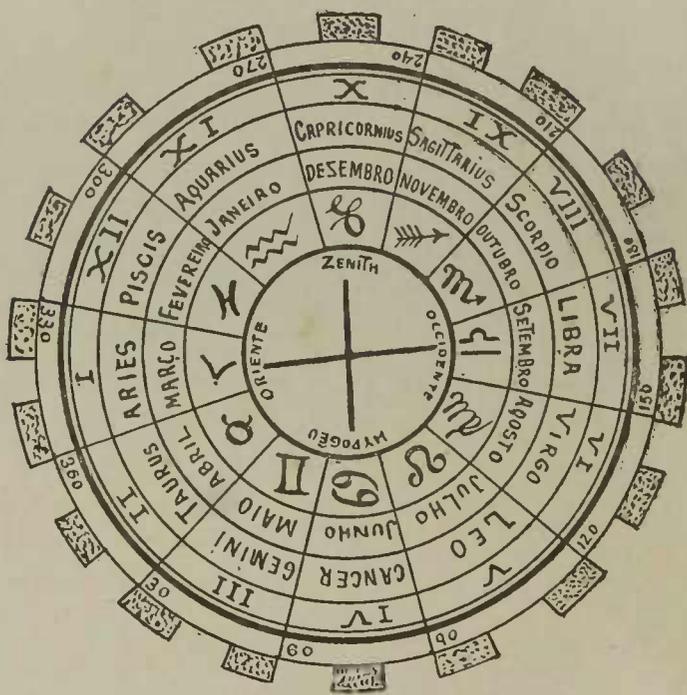
Alphabetae hierographicae da «Lingua Sagrada» .  
 ad qualem se refere d. textus .

| Sensu nomen<br>res kabbaras<br>: : : : :<br>: : : : : | Hieroglyphus<br>(Jus. Tr.) | Alphab. finis | Alphab. init. | Alphab. med. | Alphab. finis | Sensu nomen<br>alpha<br>beticos | Legende       |
|---|----------------------------|---------------|---------------|--------------|---------------|---------------------------------|---------------|
| 1   | 𐤀                          |               | <b>M</b>      |              |               | Aleph                           | A             |
| 2   | 𐤁                          |               |               |              |               | Beh                             | B             |
| 3   | 𐤂                          |               |               |              |               | Guimel                          | G             |
| 4   | 𐤃                          |               |               |              |               | Dalet                           | D             |
| 5   | 𐤄                          |               |               |              | —             | He, E.                          | E             |
| 6   | 𐤅                          |               |               |              | —             | Vo, Val                         | V. O. U. W    |
| 7   | 𐤆                          |               |               |              | —             | Zain                            | Z             |
| 8   | 𐤇                          |               |               |              | —             | Het                             | H. H. Gh. Kh. |
| 9   | 𐤈                          |               |               |              | —             | Tet                             | T             |
| 10 = 1  | 𐤉 Simplex e Principio      |               |               |              |               | Yod                             | J. I.         |
| 11 = 2  | 𐤊                          | 𐤋             |               |              |               | Kaf, Cuf                        | Qu', K, Ch.   |
| 12 = 3  | 𐤌                          |               |               |              | —             | Lamed                           | L             |
| 13 = 4  | 𐤍                          | 𐤎             | <b>M</b>      |              |               | Mem, Mum                        | M             |
| 14 = 5  | 𐤏                          | 𐤐             |               |              | —             | Nem, Num                        | N             |
| 15 = 6  | 𐤑                          |               |               |              | —             | Samech                          | S. G.         |
| 16 = 7  | 𐤒                          |               |               |              | —             | Hain                            | gh' Gu'       |
| 17 = 8  | 𐤓                          | 𐤔             |               |              |               | Fe, Phe                         | F. G. P       |
| 18 = 9  | 𐤕                          | 𐤖             |               |              | —             | Sin, Tsade                      | S. T.         |
| 19 = 1  | 𐤗                          |               |               |              | —             | Kof, Coph                       | K             |
| 20 = 2  | 𐤘                          |               |               |              |               | Resch                           | R             |
| 21 = 3  | 𐤙                          |               | <b>M</b>      |              |               | Shin                            | S. G. Sh.     |
| 22 = 4  | 𐤚                          |               |               |              |               | To, Taf                         | T. D. T.      |

Legendae: M hier. dicitur Mem. S. dicitur Samech. D. dicitur Dalet. S. dicitur Shin. T. dicitur Tsade.

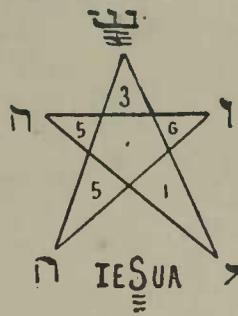
Sensu equivalentes in antiquis et in aliquibus veteribus linguis

PARA CONSULTA, CASO O TEXTO O EXLJA



|   |   |   |  |   |   |
|---|---|---|--|---|---|
|  |  |  |  ou  |  |  |
| SOL   | MERCURIO  | VENUS   | TERRA E LUA  | MARTE   | JUPITER   |
| DURO  | AZÚGUE  | COBRE   | PRATA  | FERRO, AÇO  | ESTANHO   |

|  |   |  |   |   |
|--|---|--|---|---|
|  = FOGO =  |  |  ou  |  |  = AR =     |
|  | SATURNO   | URANO  | NEPTUNO   |   |
|  = ÁGUA =  | CHUMBO  | MEDICINA OCULTA MYSTERIO   | UTOPIA  |  = TERRA =  |





O KAF, = , DE JOÃO RAMALHO

---

Primeira Parte



# *O Káf, ך , de João Ramalho*

---

## PARTE HISTORICA

—> { תהיה אשר יהיה  
O SÊR É O SÊR

*There are more things in haven and earth  
Than are dreamt of in our philosophy.*

—SHAKESPEARE.

### I

Nada impede que, mesmo sem ter sabido ler e escrever, até mesmo sem ter compreendido a idéia *secreta* do symbolo ou *pantáculo* hebraico, o tenha João Ramalho empregado.

Em *Symbolica*, o Homem e a Humanidade não procedem de outro modo.

Milhões de sêres humanos fazem o signal da cruz todos os dias. Rarissimo é no emtanto aquelle que, mesmo entre os mais sabios sacerdotes, sabe qual a idéia *ESOTERICA* que está por detraz do *pé (vertical)*

e da *travessa (horizontal)* da cruz. Dentre os niais preclaros, o que alguns sabem é apenas a *exterioridade*, o EXOTERISMO de semelhante symbolo, e nada mais.

Entretanto, — tudo é *symbolo* na Natureza, na obra infinita e hylozóica da criação, e na obra finita do Homem. Nem elle mesmo, o Homem, escapa á fatalidade de ser um symbolo. A disposição anatomica e symetrica do seu corpo; as séries especificas e numericas dos seus musculos, ossos, tendões; a divisão e o trabalho physiologico dos seus orgams e aparelhos, em cuja correspondencia vê o philosopho o effeito de um plano admiravel e prévio, ou, si quizer, a «*finalidade*», a que não pôde fugir o espirito genial e subtil de Claude Bernard: a fôrma sônica da palavra falada, seja em que lingua fôr; a fôrma graphica da palavra escripta, em todas as linguas e até em todos os dialectos; a digitação das suas quatro grandes extremidades, como numero, oppostas duas a duas ou dez a dez; a constituição kabbalisticamente mathematica do encephalo, em isómera polaridade com o aparelho da procreação, não menos mathematico; a linha descripta pelo gesto; os desenhos da expressão physiognomica; a luz e a maneira do olhar; a distribuição *quinária* dos cinco sentidos ou *portas do homem de dentro*, portas cuja correspondencia entre si obedece a leis immutaveis; a centralização monarchica, cerebral, de tudo, numa synthese triplicemente *organica, physiologica e psychica*: — tudo no Homem é SYMBOLO, tudo

*expressão do PENSAMENTO SEM PALAVRAS*, — a viva e eterna *ideographia* do Universo!

TUDO É SYMBOLO EM TUDO.

O symbolo começa no corpo mais denso, mais bruto da Natureza, no plano *mineral*; — continúa no plano *vegetal*; penetra no plano *animal* e por elle sobe até ás mais altas cumiadas do *pensamento* humano. Em cada um dos QUATRO planos fixa o symbolo um character GERAL, que traduz a *qualidade*, a *especificação*; character que, conforme as divisões e subdivisões do dito plano, tambem varia na *particularidade*, na *quantidade*.

Si, pois, a *assignatura* convencional de Ramalho é o *káf*, ☩ e, a não ser elle, neulhum outro hieroglypho conheço com tal fôrma, claro ficará, parece, que o *meio religioso* de João Ramalho era o MFIO JUDAICO, sumptuosa e scientificamente creado por Moysés, como a mais notavel, a mais grandiosa e duradoura expansão historica do HERMETISMO egypcio.

Empiricamente, inscientemente, apenas *in fide*, Ramalho pôde pois, ter assignado de *káf*, ☩ signal graphicamente symbolico da sua religião.

Para lá chegarmos, você me vai permittir a liberdade, aliás necessaria, de uma digressão elucidativa e que não será fóra de proposito.

Assim, supponha que o capitulo II, que se vai seguir, é um parenthesis nestas ensossas investigações.

II

Universal concepção philosophica, syntheticamente scientifica, a chamada «DOCTRINA OCCULTA» se apresenta como um systema completo dos conhecimentos que o homem póde ter DE SI, DA NATUREZA E DE DEUS; — um systema, portanto, de SCIENCIA-INTEGRAL.

Todas as cousas do Universo, nesse systema, são, para os seus philosophos, *pensamentos objectivados*, que passaram de potencia a acto; — «FÓRMAS-PENSADAS», transitorias; — pensamentos sem syllabas, naturados; — idéas sem palavras. Tudo evolue, tudo muda e se transforma, menos o «PENSADOR».

Dos primeiros homens a Hermes progrediu constantemente esse modo de vêr, e os philosophos desse cyclo matinal da historia da Humanidade conseguiram reduzir as leis do Homem, da Natureza e de Deus, a 75 symbolos graphicos, que outros elevaram a 78, e que, de redução em redução, conforme as cousas dos tres planos, chegam sempre á *unidade*, isto é, ao *principio*, — ao NUMERO IRREDUCTIVEL. Quer dizer: — ficou material e universalmente fixada a ideographia da Causa Primeira e de todos os seus effeitos nos quatro planos — (*mineral, vegetal, animal e psychico*). Mais tarde, conseguiu a velha sciencia egypcia reduzir os 75 ou 78 symbolos a 22 signaes apenas, que ficaram sendo definitivamente as 22 letras emblematicas do

alfabeto hebraico, — 4 das quaes congeneres ao primeiro plano da organização do Universo (de baixo para cima ou do centro para a periphéria), 8 para o segundo, e 10 para o terceiro e ultimo. O quarto plano (o plano *psychico*) confunde-se com o terceiro; pois é, por assim dizer, o seu germen, a sua base, a sua origem. No plano superior, uma letra-*mãe*, que é a RAIZ PRIMORDIAL das outras — a raiz de todas as cousas (א); no segundo, logo abaixo, a segunda *mãe* ou RAIZ SERIAL, já derivada (ב) — e, no terceiro, também SERIAL e derivada, a terceira RAIZ ou terceira *mãe* (ג). Vêm depois as 12 simples, que moram nas casas do Zodíaco, e as representam e com ellas se identificam, — e as 7 duplas ou bipolares, que representam os sete planetas primitivos ( $3 + 12 + 7 = 22$ ). Como, porém, para os kabbalistas são 32 ( $3 + 2 = 5$ ) os caminhos que levam ao conhecimento total e perfeito de todas as cousas visiveis ou não, á SCIENCIA INTEGRAL ou ABSOLUTA, — claro está que elles deviam de ter ainda uma *década* para addicionar ás 22 letras ideographicas ( $10 + 22 = 32$ ), completando assim os 32 caminhos. Essa década existe superposta á década do alfabeto hebraico, e é denominada os — *Dez Sephiróthes*. Entre elles e as letras ha combinações mathematicas que obedecem a regras occultas, combinações cujo resultado são outras tantas chaves com que os iniciados vão abrindo as portas do desconhecido.

Dado o relativo livre-arbitrio de que o Homem

gosa na vastissima, mas, ainda assim, limitada esphera de sua acção — *em si, na familia, na tribu, na cidade, na patria, no continente e no planêta*, por isso mesmo só deveria a DOCTRINA HERMETICA ser ensinada aos bons; aos puros e mais intelligentes, a todos capazes de comprehender e praticar o bem; porque, com as mesmas armas ou elementos de acção, os maus triumphariam na pratica do mal. E foi o que aconteceu nos tempos primitivos do HERMETISMO, quando o ensinamento da synthese universal era dado *sem véu*, na illusão de que os homens eram eguaes. Só se chegou á comprehensão, e á dolorosa e bestial prova desse perigo, depois de uma lucta de muitos seculos, de uma tremenda e inolvidavel expiação. Foi, pois, preciso *cobrir*, VELAR OUTRA VEZ, isto é, RE-VELAR o que a sciencia tinha *descoberto*, DES-VELADO, ao penetrar nos profundos enigmas do Universo; foi preciso *revelar* todas as suas conquistas, as conquistas da SCIENCIA ANTIGA, já então tumultuariamente desnaturadas, mutiladas em sua pureza original, invertidas para a obra do mal, para os triumphos da morte eterna, para uma anniquilação que seria total. Estavam quasi perdidas as «*chaves*», as fontes dessa sciencia integral, e buscal-as no vórtice em que se afundavam, fixal-as indelevelmente — foi a obra ideographica do abecedario egypcio, transcendentemente ideado para formar a LINGUA SAGRADA ou ESCRIPTA HIERATICA do sacerdocio daquella epocha.

O verdadeiro ensino, a interpretação *exacta* dos tres *planos* ou *mundos* ( que não são *logares*, mas *estados* da UNIDADE NA MULTIPLICIDADE ) passou a ser ministrado nos « SANTUARIOS », verdadeiras universidades de então, onde o tirocinio era de 12 annos, e onde o discipulo recebia o ensino integral: — sciencias, seguindo a ordem da sua importancia crescente, das mathematicas á psychologia e á moral; artes e industrias, — tudo em fim, de modo que o homem era ao mesmo tempo o medico ( *therapeuta* ), o sacerdote, o mechanico, o artista e o industrial. Lá, eram educados, para saberem governar, os herdeiros do throno, das velhas e gloriosas dynastias que illuminaram de tão extrauho clarão a tantas vezes millenaria historia do Egypto, — e é porisso que ao lado da ARTE SAGRADA OU SACERDOTAL, e, ás vezes, quasi confundida com ella, encontra o egyptólogo a ARTE REGIA OU REAL, ambas identicas no ideal que as formulou, e só differas na fórma ou na roupagem.

Estava, pois, creada a „ INICIAÇÃO „, a mais remota origem da *Maçonaria*, que nem mais sabe quaes foram as suas fontes reaes, e que absolutamente ignora o ESOTERISMO brilhante dos seus symbolos. Estava, sim, creada a « INICIAÇÃO », RE-VELADA a Natureza viva e eterna, creada e increada, um dia sacrilegamente despida deante do olhar irreverente e mau do Homem na aurora das Raças; creada a « INICIAÇÃO », dado o ensino integral do Universo infinito, — de novo

descido o véu sagrado e virginal da Isis procreadora, da grande alma immortal da Natureza.

Diz a tradição que foi a LEMURIA o primeiro continente em que o Homem surgiu, terceiro na ordem numerica, — e que o Homem *lemuriano*, insignificante differenciação da animalidade em aperfeiçoamento, se transformou lentamente, durante seculos, no Homem da ATLANTIDA, quarto continente e quarta raça. A este continente já se referem alguns dos mais antigos historiadores, e o dão como submergido no seio do oceano *Atlantico*, num cataclysmo colossal, proprio da infancia geologica do nosso planeta, proprio de todos os mundos, satellites, estrellas ou soes.

Mas já os *Atlântidas* se tinham expandido até ao delta do Nilo, e a velha terra de « *Mitsraim* » surgia dentre os lótus sagrados para o gloriosissimo cyclo de sua civilização immortal.

E assim como, nos ultimos tempos do Brazil-Colonia, tinham os brazileiros que ir a Coimbra receber o ensino de então, — da mesma maneira o iam receber na *Atlântida* os filhos das familias abastadas do Egypto, 12.000 annos antes da era christan, segundo o disse um grego illustre, que o ouvira de um sacerdote de Sáis.

*Mitsraim* (= מצרים), significativo nome hebraico do Egypto, pois nelle está a idéia de *termo* ou *fim*

para que foi creada a terra de Hérmes, — Mitstraím tinha, pois, herdado a civilização do quarto continente desaparecido, civilização cuja cultura intellectual seria levada ao seu mais remoto e mais perfeito *fim* ou limite; e elevando-a, com o correr dos seculos, ao apogêu de si mesma, chegára philosophicamente á concepção *monistica* ou unitaria do Universo como essencia e como fórma, como pensamento e como cousa pensada.

O foi então que, no cimo intellectual desse assombroso desenvolvimento, abotoôu e floresceu *Hérmes-TRISMEGISTO*, Hérmes *tres vezes grande*, — PHILOSOPHO, PROPHETA e REI, contemporaneo de Abrahão, אֱבְרָהָם em cuja obra monumental, «SÉPHER-IÉTZIRAH» (= סֵפֶר יְצִירָה) ou *Livro da Creação* — se lhe nota o sopro vivificador; — Hermes, que suggeriu a Louis Ménard o seu notavel livro do mesmo nome («*Hérmes-Trimegisto*»), primor de critica e erudição philosophica, coroado pela *Academia das Inscriptões e Bellas-Artes*, — pelo INSTITUTO DE FRANÇA.

Foi esse o Hérmes que systematizou *graphica* e *symbolica*, *mathematica* e *syntheticamente*, todos os conhecimentos anteriores, tradicionalmente oriundos de raças e continentes desaparecidos: — *graphica* e *symbolicamente*, porque usou de signaes intellectualmente imitativos; — *mathematicamente*, porque reduziu o pensamento desses signaes a *numeros*, os symbolos á *gran-*

deza das cousas, sem uma só excepção que fosse, — «mathematica absoluta», — as «mathematicas occultas» de Pythagoras, Hoëne Wronski e Elíphas Lévi; — *synthetically*, porque só fixou os principios e as leis, só cuidou *da essencia*, que é eterna no tempo e infinita no espaço. A *fórma* . . .

Ah, a *fórma* é «*Máya*», — a CONTINGENCIA, — a ILLUSÃO!

Hérmes, a fructificação psychicamente universitaria da *Sciencia e do Sacerdocio Egypcio*, o mais quintessenciado producto da ARTE-SAGRADA e da ARTE-REGIA, — ao dar o ensino secreto operou a *re-velação* (1), a *occultação* das verdades eternas, dos principios sem fim, das leis e dos phenomenos da Natureza; — classificou cada coisa em sua categoria, em *seu PLANO* de acção, conforme é elle *mineral, vegetal, animal, humano* ou *divino*, e a essas cousas lhes deu os *nomes*, que são as *tra lucções* dos seus signaes *individuaes*, — da sua existencia, — do seu fim. Da lei da *Unidade* (*παν το παν*), numero por numero, e seguindo todas as suas derivações, foi até á lei do *Denario* (10), que

---

( 1 ) — Do primitivo verbo composto latino *rē + velārē* e não do posterior *rēvelārē*, de significação diametralmente opposta.

No primeiro, o prefixo *rē* leva a acção retroactiva de *velārē* (= *cobrir, occultar, por um véu sobre* ) até ás origens théo-cosmogonicas do Universo, fixadas nas 22 lectras do abecedario hebraico, — na ideographia occulta. — No segundo, perdido o sentido ESOTÉRICO, primitivo, ficou a idéia de «*descobrimento*», a errônea idéia de «*revelação*» no sentido da theologia christan.

é a volta á *Unidade*, e outra vez «*tudo em tudo*», = *παν το παν!*

Mitsraím fundiu-se, pois, nesse molde unitario, nesse sabio *monismo* bipolar em que o ESPIRITO é o *phallus*, a força positiva, creadora, e a MATERIA o *cteis*, o polo negativo, o vaso sagrado e o seu conteúdo, a obra, o acto, a manifestação do Espirito, o seu pensamento objectivado ou *Fórma pensada*; — fundiu-se nesse molde que deu á sua civilização a unidade *politica, religiosa, artistica e industrial*, — nesse molde que levou a felicidade a todos, que fez os homens irmãos e bons, e a vida um dever sagrado a cumprir.

Brotou assim o *Monotheismo* da consciencia nacional, e assumiu as proporções mais altas a que tem chegado na Humanidade a idéia de Deus — UM e UNICO.

E o que se deu com os filhos de Mitsraím, quando iam pedir á Atlântida a luz serena da verdade eterna, começava agora a dar-se com os futuramente gloriosos filhos da Héliada pujante, que, cantando, vinha nascendo por entre o languido e voluptuoso embate das duas ondas claras do Iônio e do Egêu. Sob a pata veloz do alífero Pégaso já Hippocrêne tinha brotado, em cujas aguas *crystallinas* e magicas iam os poetas buscar o éstro sagrado. Rios, florestas, montes, valles, se povoavam de divindades, soberba e portentosa personificação das energias vivas da Natureza.

Orphêu, Hesíodo e Homero, depois Pythagoras e Empédocles, depois Sócrates que ensinou a Platão, e depois Platão que ensinou a Aristóteles, — todos lá tinham ido, á millenaria Mitsraím, beber da agua *esotérica* da sabedoria perfeita e integral.

Formou-se assim a Héllada pujante e gloriosa, depositaria e salvadora da SCIENCIA EGYPCIA, a Héllada embalada por dous mares, illuminada pela luz de Hérmes, envolta na harmonia de suas fontes, na vivificação divina de seus bosques, vibrando ao fremito suave e perfumado de seus zephyros — e sonhando á musica solemne e edificante de seus ideaes.

Antes, porém, já lá fôra a Kaldéia educar-se, e o Babilonio, o Assyrio e o Phenicio guardam nos seus cylindros e nas suas *estélas*, nos monumentos plasticos da sua archeologia, os traços immorredouros da passagem de *Isis* por seu solo, a sombra indelevel da *Ibis religiosa* nascida ás margens do Nilo, ao brando aroma do lótus ou nenuphár sagrado.

Já Moysés tinha lá ido, 15 seculos antes de Christo, a pedir aos «ineffaveis» e subterraneos «MYSTERIOS» das Pyramides e das Esphinges a força magica com que modelou mais tarde o *povo-Rei* da Judéia, a gloriosa e immortal ISRAÉL, יִשְׂרָאֵל, = «*Intelligencia ou Espirito de Deus*», representada em sua expressão graphica por numeros cuja somma é 10, — o cyclo perfeito e completo, a synthese e a analyse, a *partida* da *Unidade* para a MULTIPLICIDADE infnita, e a vol-

ta da Multiplicidade á Unidade, — *παν το παν!*; — *Israél*, a equivalencia verbal do *Infinito*, do *Illimitado* ou *Ain-Sóph*, אֵין סוֹפִי Deus em si e nas suas obras, o *Eschema-Hamphorasch* יְהוִה quaternaria e crucialmente representado pelo symbolo da cruz, o TETRAGRAMMA-

INEFFAVEL    א        א

Feita esta digressão, agora não mais lhe faltará o élo que o ia impedir de vêr na sua integra, ainda que pela rama, toda a cadeia historica do Symbolismo, Ideographia ou *Cosmoglyphismo Universal*.

Podemos, pois, com Moysés, reencetar a interpretação do supposto *káf*, כ    de João Ramalho

### III

A «SCIENCIA ANTIGA», integral, uma e unica, sciencia triunitaria, de *Deus*, do *Universo* e do *Homem*, sciencia RE-VELADA na obra symbolica de Moysés, escripta por meio de combinações das 22 lettras hebraicas, cuja somma ou synthese é — א, o TETRAGRAMMA יְהוִה (*Iôd*, *Hê*, *Vô*, *Hê*), como já se viu, — donde *Iéve*, *Iôva*, *Jeôvâh*; a «SCIENCIA ANTIGA», sciencia viva, eterna no tempo e infinita no espaço, vai dar-lhe, si me não engano, a chave secreta da mysteriosa assignatura monogrammatica de Ramalho.

Foi no decimo quinto seculo antes de Christo (1500 annos) que Moysés organizou o seu «SÉPHER», composto de cinco livros, escriptos todos elles com caractéres hebraicos. Nos dez primeiros capitulos do primeiro livro («*Sépher Beréschit*»), nessa «*década sagrada*», segundo Fabre d'Olivet, «*está encerrado, como sciencia, tudo que foi, é e ha de ser*». Esse livro é o *Genesis*, a *Cosmogonia* mosaica, e nelle se encontra a origem do Universo, da Terra e do Homem. O SÉPHER é uma cryptographia sagrada. A sua composição obedeceu a um plano secreto, a uma «*chave*». Foi feito em «*escripta hieratica*» ou LINGUA SAGRADA», isto é, — feito de modo que cada palavra ficou com tres sentidos: *um*, *absoluto*, verdadeiro, occulto ou esoterico, *para os Grandes Iniciados*, os que tivessem triumphado de todas as terriveis provas impostas á «*INICIAÇÃO COMPLETA*»; *outro*, que exprimia o termo *médio* do ensinamento, e que dava o sentido *relativo*, figurado, destinado aos «*iniciados incompletos*»; e o *terceiro*, de sentido vulgar, *material*, externo ou extrinseco, — para o povo, incapaz de ascender ás grandes especulações abstractas, metaphysicas, do pensamento. Tomado o SÉPHER em qualquer desses sentidos, *satisfaz e edifica, é logico, perfeito e completo*.

A's traducções que delle se fizeram é que se deveo o absurdo, o paradoxo, a falsificação do pensamento de Moysés.

O legislador dos Hebrêus previu, porém, tudo isso.

Elle teve a ante-visão de que o seu ensino ia ser desnaturado com o correr dos seculos. E, para que tal se não desse *in-totum*, para que a sua obra chegasse *esotericamente* perfeita e completa até á derradeira raça humana da Terra, formulou elle então a « LEI ORAL » da « *chave* », e a transmittiu « *de viva voz a homens de toda a confiança e de toda a fidelidade (1)* ». A esses discipulos, *Grandes Iniciados*, « *determinou elle que, no segredo dos « SANTUARIOS », por sua vez a fossem transmittindo a outros discipulos, os quaes, tambem por sua vez, a iriam transmittindo de idade em idade, — de modo que ella pudesse chegar á mais remota posteridade (2)* ».

ESTAVA NASCIDA A « **Kabbala** ».

#### I V

A KABBALA foi, é e será em todos os tempos a unica explicação possivel, unica e exacta, do SÉPHER, para os occultistas.

E' nella que está a chave dos dous sentidos, figurado ou relativo, e absoluto ou esoterico (secreto, irrevelavel): — o sentido central, irreductivel, original, occulto ou antes *occultado*, *re-velado*, só dado ini-

---

(1) FABRE d'OLIVET. — *La Langue Hébraïque Restituée*. — 1815, — Vol. 1, — pags. XXIX

(2). — *Obra citada*.

ciatica e ritualmente aos mais dignos e illustres discipulos dos « Collegios Sacerdotes » ; — e o figurado ou *symbolico*, capaz de satisfazer a intelligencias de menos envergadura e a caractéres menos tenazes. O sentido *material* ou *externo*, propria ou francamente EXOTERICO, esse foi creado com a preocupação de tangibilidade, para bastar ao inferior nivel intellectual das massas populares retardadas em seu desenvolvimento psychico e moral, e para detel-as em seus impulsos animalmente instinctivos. Applicada a chave, vê o solitario estudioso que as *tres* interpretações do enigma do Universo são harmonicas, correspondem umas ás outras em todos os pontos da sua linha evolutiva, e são absoluta e perfeitamente analogicas ; — vê que o mesmo grupo de symbolos, que tiver fixado a ideographia de um facto psychico SEM CEREBRO, têt-a-á dado de um facto humano, de um facto animal, vegetal ou mineral. Verificará elle que, com Moysés, cada expressão hebraica se intellectualizou e é, ora a representação do **Principio**, donde emanam as **Leis**, — ora a da **LEI**, donde emanam os **FACTOS**, — e ora a de um *Facto* com todas as suas consequencias : — porque factos e leis podem ser successiva e alternadamente effeitos-causas ou causas-segundas, terceiras, etc. Verá, pois, o cyclo perfeito ; terá a visão do Todo sem passado nem futuro, frente a frente com a *Eternidade* que é o *Presente sem limites*, immutavel e perenne ; — e, manejaando os numeros em si ( acima, nos

seus supra-multiplos, e abaixo, nos sub-multiplos), — terá então a idéia do *accidente*, do *transitorio*, de MÁYA ou a **Illusão**. Não se illudirá, pois, ou só se illudirá si tiver sido menos attento. De *um*, 1, ou o número sem antecedentes, o numero irreductivel e eterno, irá elle a 2, a 3, etc., e, percorrido o *denário sephirótico*, terá voltado á Unidade-máter, voltado ao infinito  $\widehat{A} + \text{TUDO}$ , hermeticamente representado pelo cyclo perfeito ou 10 symbolico, = , — unidade na infinita variedade, Deus em si e na sua obra, tudo em eterna transformação, mas tudo vivo e immortal.

Spinosa lobbrou a verdade, mas, ainda assim passou bastante longe della.

Traçado 1.500 annos antes de Christo, como já foi dito, o SÉPHER, essa «*década sagrada*», no dizer de Fabre d'Olivet, encerra, pois, á luz da *Kabbala*, «*tudo que FOI, E' e HA-DE-SER*».

Escriptos os seus livros, unificado o povo judeu, cumprida enfim a sua missão após o exodo, morreu (1585) Moysés aos 120 annos de idade, no alto do Nébo,  $\text{נֶבֶז}$ , á vista da Terra Promettida, de Chanaan, ( $\text{כְּנָעַן}$ , *Kanaagn*), ou melhor — *Kanaan*.

Foi isso no seculo dezeseis anterior a Christo, cinco annos antes das innundações da Thessalia, produzidas pelo diluvio de Deucalião.

Morto Moysés, o povo hebrêu foi perdendo com o correr dos seculos a sua homogeneidade linguistica,

religiosa e philosophica ; teve que sustentar diversas guerras, e se viu succedido em seu prestigio e em sua civilização, primeiro pela alta cultura dos Assyrios e Babylonios (povo kaldêu), depois pelos Persas, e depois pelos Gregos, que foram os iniciadores historicos da civilização occidental. Da morte de Moysés ás conquistas de Alexandre Magno (1585—323 *a.-J.-C.*), quasi treze seculos se escoam, cujos factos mais importantes foram : o reinado de Sesostris no Egypto (1673) ; a expedição dos Argonautas á Kólkhida (1226) ; a tomada de Troya (1183) ; a fundação de Carthago pelos Phenicios (1137) ; o apparecimento dos Etruscos na Historia ; a fundação de Roma (754) ; — a emigração phenicia para as terras do norte, marginaes do Mediterraneo (seculos VII e VI), levando a navegação, o commercio e o alphabeto (— *hebraico* —) até ás costas da Inglaterra ; — a conquista da Média, da Lydia, de Babylonia (cujo captiveiro, dos judeus, durou 72 annos, — de 608 a 536) e de todo o occidente da Asia, por Cyro, o fundador do grande Imperio Persa, já então submettido o Egypto ; — a tomada de Jerusalem e o incendio e destruição do celebre Templo de Salomão por Nabuchodonozor (587) ; — a era de Zarathrusta (*ZOROASTRO, V seculo*), que fixou no seu binario mazdeista do *Ahura-Mazda* e de *Agra-Mainyus* (ou *Ormuzd* e *Ahriman*) a bipolaridade mosaica do Principio Vital do Universo ; — a altissima cultura grega dos tempos amadurecidos de Socrates,

Platão e Aristoteles ( V e IV seculos ), cultura que precedeu immediatamente a extraordinaria expansão historica do genio marcial de Alexandre Magno...

Durante esse lapso de quasi 1300 annos, — scindido a principio em tribus adversas, depois em luctas civis e com o estrangeiro, e depois successivamente obumbrado pelo Assyrio, pelo Babylonio, pelo Persa e pelo Grego, o povo judêu assim dividido, assim hieraticamente esphacelado até á medulla de sua raça, tinha perdido o SÉPHER atravez de tão longa e decadente peregrinação. Varias vezes haviam as tribus judaicas appellado para esse livro, como quem appella para um Supremo Tribunal : — estava perdido o symbolismo que o vivifica, o *esoterismo* que o anima. E dessa morte apparente de 13 seculos nasciam então para o mundo as primeiras luctas religiosas — filhas da controvertida exegése hebraica.

A «INICIAÇÃO», porêem, instituida por Moysés, levava secretamente para o futuro, como uma raiz subterranea, o broto que mais tarde teria de surgir do solo, adeante, nos mysterios do porvir, restaurando, á luz da civilização alexandrina, — o velho ensino secreto.

E' que a Verdade, a Justiça e o Direito, podem dormir ás vezes, — mas não morrem nunca.

O amplissimo imperio do discipulo de Aristoteles, vencedor de Dario III, o Codomano, com quem se esborou a dynastia dos Achmênidas ; o grande Imperio

de Alexandre, que se dilatou do Egypto ao Tigre e ao Euphrates, e do Hellesponto ao Indus, estava agora fraccionado, e o primeiro *Sotér*, Ptolomêu, filho de *Lagos*, fundava no throno do Egypto (III seculo) a dynastia dos *Lágidas*, e *Seleuco*, no throno da Syria, a dos SELEUCIDAS. Iniciára-se a epocha dos *pharaós* gregos, da linhagem de Ptolomêu, rei cujo throno era na *cidade de Alexandre*, em *Alexandria*, fundada em 331 sob um traçado moderno e superior ao das cidades da Grecia, pomposamente construida para ser a capital intellectual do mundo, como de facto o foi. Na sua bibliotheca, que chegou a ter 400.000 volumes, havia, fielmente copiadas, todas as obras celebres de todas as civilizações precedentes. O auctor ou proprietario de quaesquer manuscriptos era obrigado a apresental-os ao bibliothecario de Alexandria, e este a mandar tirar uma cópia, pagando-a. Havia então os copistas, como ha hoje os typographos.

Estava, porê m, perdido o SÉPHER. Os herdeiros do ensinamento mosaico luctavam entre si, julgando cada qual estar com a verdade.

Dentre as diversas seitas uma havia, no emtanto, que, apesar de desaparecido o SÉPHER, era a depositaria iniciatica da sua *chave kabbalistica*, e, mesmo que o livro não reapparecesse, poderia recompô-lo por pensamento e no seu pensamento, assim como com um millimetro se recompõe o metro, se mede o raio da terra e se traçam as parallaxes; poderia restaural-o,

graças á chave *ideographica* que é o seu methodo e a sua linguagem.

Essa seita era a dos *Essênios*, terra fecunda e esotericamente mondada para nella nascer, florir e fructificar o ensino secreto do SÉPHER.

Um dia, porém (—diz a tradição—), foi o SÉPHER descoberto no fundo de um velho cofre ou arca, no tempo de Artaxerxes Longimâno, rei da Persia, 5.º seculo antes de nossa era. Esse tempo era tambem o tempo de Esdras (= יֵזְרָבָד ), então rabbino dos judêus captivos em Babylonia. Esdras tinha conseguido de Artaxerxes a abolição do captiveiro, que já contava 72 annos de existencia, e que vinha do precedente reinado de Cyro, o Moço. Esdras viu de relance a grande aurora que se lhe rasgava ao seu sonho de pastor social; — voltou com seus compatriotas para Jerusalem, tomou do SÉPHER encontrado, e converteu-se em S. Paulo do *Moscismo*. Esdras verteu o SÉPHER para o dialecto então falado pelos judêus, o syriaco-aramaico; commentou a propria versão, e com taes commentarios lhe adulterou de todo o ensino ESOTERICO, exactamente o que se deu com S. Paulo em relação ao ensino verbal de Jesus (יְהוֹשֻׁעַ בְּרֵן הַדָּר, = 20 =

), sete seculos depois. Esdras, exoterizando o

SÉPHER, S. Paulo, exoterizando o CHRISTIANISMO, — o fizeram no emtanto de boa fé...

Com Esdras acabava, pois, de nascer a **Biblia Judaica**.

O celebre rabbino de Babylonia levou então os seus compatriotas para Jerusalem, expulsou da cidade as estrangeiras, e puniu severamente os judêus que com ellas se haviam casado. Poz-se á frente do povo, e lhe foi lendo o SÉPHER a pouco e pouco e em dias determinados, agora commentando-o, logo depois paraphraseando-o. E assim restaurou Esdras a hierarchia do sacerdocio, e impoz de novo a publica e regular adoração de Deus. Auxiliado por Nehemias, remodelou a alma e a nação judaica, e creou com 120 membros a *Synagoga*, para ser a indefnida mantenedora da sua obra ou renacionalização judaica.

Estava, pois, fundado o JUDAISMO propriamente dito, materialização do *Mosaismo*, sua desnaturação, tal qual como Paulo de Tarso fundára 700 annos depois o CATHOLICISMO; e nem um nem outro representam o pensamento profundo e genial de Moysés, — o profundissimo e completo pensamento de Jesus.

A traducção de Esdras, com seus commentarios e paraphrases, ficou sendo os TARGÚNS (= תַּרְגּוּם «traduzir», *interpretar*).

A «BIBLIA» acabava de nascer com Esdras, é verdade, — mas exoterica e mundana, como exoterico, mundano e politico é o catholicismo e as demais religiões nascidas do Christianismo puro, *fórmias externas do pensamento um e unico* — a RELIGIÃO. A *Biblia* sur-

gia com Esdras, não ha duvida; mas a lingua hebraica já tinha desaparecido, passára a ser lingua morta durante o captiveiro de Babylonia, e foi então preciso crear-lhe os *pontos-vogaes*. — Acabava a *Biblia* de nascer como a mortalha cortada para um cadaver. A mortalha o envolveu, é certo; mas atravez della via o *Essênio*, no corpo immobilizado e frio, não um morto, mas um vivo que dormia o seu somno de mais de mil annos, só comprehendido pelos iniciados, e de que um dia despertaria ao rumor da «*chave*» na fechadura do SÉPHER.

O grande Livro Cosmogonico de Moysés tinha sido encontrado e vertido para um dialecto do kaldai-co; mas o seu sentido continuava perdido para os profanos. Depois tambem o traduziu o Samaritano, o Grego e o Romano, e nenhum delles conseguiu erguer o véu de Isis corrido por Moysés no vestibulo do *Santuário*. Continuava perdido para os Pharizêus e Sadducêus, — para todos, menos para os *Essênios*, depositarios iniciaticos da «*Lei Oral*» ou — KABBALA.

Elles, Essênios, tinham a *chave senaria* do SÉPHER

( = *Kabbala*, = קבלל , = 6 , =  ) e agora tambem O tinham consigo, em sua pureza original, na obra de Esdras, desprezados os *commentarios e paraphrases* ( = *Targúns*, תרגום ). Não mais o perderiam, como de facto o não haviam perdido, graças á previsão de Moysés. Para elles o SÉPHER tinha *corpo e alma*: — o cor-

po para os profanos, ( — sentido material, graphico), — a *clma* para os iniciados ( — sentido secreto, esotérico).

Para os Sadducêus, que se denominavam « *justos* » (= « *Tsadoim* », = צדקיים), o SÉPHER só tinha *corpo*, e por isso os Sadducêus foram os *materialistas* da Judéa.

« *Schismaticos* », « *dissidentes* », « *separados* », o SÉPHER continha para os Pharizêus ( = *Pharush* = פרושי ) a immortalidade sob o manto do resurreccionismo. Os Pharizêus, portanto, não tinham a chave do enigma.

Por conseguinte, como verdadeiros *Iniciados*, só os Essênios iam de 1 a 10 e de 10 a 1, do abstracto para o concreto e vice-versa, do ponto para a periphéria, e desta para o ponto — . Só elles não desprezavam os dous infinitos, bi-unos aspectos da Natureza, escholastica ou philosophica, mas falsamente denominados ESPÍRITO & MATERIA, dous extremos *em si* inacessiveis ao conhecimento humano, — e que têm sido e ainda serão por longuissimas edades o pomo de discordia das raças deste planeta. Só elles sabiam o segredo da progressão constante e dynamica da energia inicial e amorpha até aos estados mais densos, mais ponderaveis das fórmulas momentaneas da Natureza

 — e dali o regresso, ascendendo sempre   
(  +  =  ), até á mesma e irreducti-

vel *Unidade*, o *ponto* e o *circulo*, a *synthese* e a *analyse*, o INFINITO, אֵי־סוּף ; numa palavra : — .

Portanto, nem Sadducêus nem Pharizêus poderiam *abrir* o SÉPHER e nelle penetrar.

Feita, porém, a versão de Esdras nos meados do 5. seculo antes de Christo, foi ella durante ainda 200 annos o livro sagrado dos Judêus e dos demais povos sectarios da sciencia mosaica. Depois, traduzida da de Esdras já tinha tambem apparecido a « BIBLIA SAMARITANA », que ainda existe.

Levada aos mais longinquos povos conquistados a civilização da obra colossal de Alexandre Magno, — dentro em breve uma versão grega seria infallivelmente feita, porque a kaldaica e a samaritana já não satisfaziam, visto que o idioma agora falado e escripto é o grego em todas as terras conquistadas.

E assim foi.

Passados esses 200 annos, o seculo que está correndo é o III anterior a Christo.

A civilização grega derramou-se por todo o Oriente. Todos os olhares convergem para Alexandria, que se vai celebrizando pela importancia crescente do seu commercio e pela expansão das suas industrias, artes e sciencias. Está fecundado o óvulo do *Neo-Platonismo*, e de seu throno dirige o segundo *Lágida*, Ptolomeu o Philadelpho, os grandes destinos desse novo e

grande povo. Príncipe illustre pela cultura e liberalidade da intelligencia, magnanimo pelos dotes do coração, o seu reinado imprimiu nas cousas materiaes e intellectuaes da patria um impulso verdadeiramente magico.

Alexandria cresceu, prosperou a olhos vistos, e dentro em pouco impoz-se ao mundo.

Judêus gregos, o povo alexandrino já não podia ler e nem entender a VERSÃO SEPHÉRICA de Esdras. Era preciso, pois, dar-lhe uma «BIBLIA GREGA», uma Biblia escripta na lingua que elle falava e lia.

E' agora que vão apparecer os *Essênios*, os guardas secretos e silenciosos do «SANTUARIO».

Si os 72 *annos* do captiveiro de Babylonia bastaram para que os judêus esquecessem a lingua hebraica, successiva e rapidamente substituida pelo syriaco-aramaico, que é o dialecto kaldaico da VERSÃO DE ESDRAS,—agora com muito mais razão esqueceram elles o dialecto dos TARGÚNS, a lingua empregada por Esdras,—porque a hellenização a que estavam submettidos já andava por 200 *annos*.

E foi o que se deu.

Em Alexandria, na Grecia, nas Colonias Gregas, no Epiro, nos Reinos Hellenicos do Oriente, na Galácia, no Ponto, na Bithynia, em Pérgamo, na Cappadócia e na Baçtriana, por toda a parte reina a confusão religiosa, e os homens não mais se entendem quanto ás cousas de Deus contidas no SÉPHER. Essa

situação se vai tornando cada vez mais complicada e mais difficil, como que a exigir uma prompta solução.

E foi então que Ptolomêu assumiu a sympathica responsabilidade, ao mesmo tempo tanto religiosa como politica, de dar a seu povo o SÉPHER na lingua pòr elle falada, — uma fidelissima traducção do «LIVRO DOS LIVROS».

Para esse fim mandou o Lágida illustre convidar a cinco dos mais afamados doutores do ESSENISMO contemporaneo, os quaes, acceita a incumbencia, foram nomeados e se entregaram desde logo a tamanha tarefa.

Tomaram os Essenios a obra de Esdras e, riscando nella tudo que não era de Moysés, reconstruíram primeiramente o SÉPHER, restaurando-o inteiro em toda a sua pureza original. Dos commentarios, paraphrases, notas e interpolações de Esdras não cuidaram elles, ou, si cuidaram, o fizeram aparte, de modo que não se confundissem com a restauração do livro mosaico. Concluido este primeiro trabalho com o maior escrupulo e sob a chave e a sciencia de iniciados, passaram então os Essênios a traduzir para o grego a VERSÃO SÉPHÉRICA de Esdras, que era, como já se disse, em dialecto syriaco-aramaico.

Terminada a traducção, uma vez entregue a Ptolomêu Philadelpho, foi ella posta ás ordens do sacerdocio, que começou então a divulgá-la.

Foi ali que o judaismo alexandrino, que já não lia e não entendia o dialecto dos TARGÚNS, lançou mão da obra dos Essenios, da sua versão para o gre-

go, e, juntando-lhe em appendice o que era propriamente de Esdras, mandou tudo ao SINHÉDRIO, para examinar e resolver como entendesse.

Donos da escripta hieratica ou *Lingua Sagrada* fossilizada no SÉPHER, donos tambem do aramaico de Esdras e do grego então falado, os doutores essênios tiveram o cuidado de conservar em sua versão, com toda a fidelidade, as fôrmas *materiaes*, *graphicas*, do SÉPHER, representadas por absoluta *equivalencia* da fôrma grega. Assim o fizeram para que os profanos não vissem nellas mais do que o que lhes é dado vêr, e para que os *Iniciados* pudessem vêr, além e debaixo-dellas, a *alma* do GRANDE LIVRO, — o eusino integral, a synthese de tudo que existe em acto e em potencia.

Composto de 70 *Juizes*, o *Sinhédrio* approvou finalmente a traducção dos Essênios e tambem a dos commentarios de Esdras, juntados como appendice.

Estava nascida a BIBLIA DE ALEXANDRIA; é essa a.  
— **Versão dos Setenta.**

Dahi por deante (276 a.-J.-C.) até á traducção latina de S. Jeronymo (1), 7 seculos se passaram de luctas tremendas (681 annos justos) no Mundo Romano. Desdobrada ao longo das costas do Mediterraneo, a civilização phenicia, contemporanea da de Roma em suas origens, desde o seculo VII, oppunha ás grandezas ro-

---

(1) — Feita de 386 a 407 de nossa era, = 21 annos.

manas a importancia avassaladora de Carthago e Numancia. Era preciso impedir a hegemonia phenicia, e dahi as tres celebres guerras punicas que duraram, a primeira 22 annos (264-242), a segunda 18 (219-201), e a terceira (149-146) 3, a qual terminou pelo sitio, tomada e destruição das duas cidades phenicias.

O pensamento mosaico fixado na *Biblia de Alexandria*, na VERSÃO DOS SETENTA, perdia-se de novo, lentamente e pouco a pouco. O paganismo greco-romano como que distendia as azas triumphante. Conquistadas as Gallias (58-50) por Cesar, numa epopéa militar de 9 annos; esboroada a Republica Romana (29), — dahi a 6 lustris se iniciava a era actual com o advento do Messias promettido, do humilde e immortal reformador das sociedades humanas.

A Humanidade ia realizar o seu symbolo : 

Neste meu intuito de acompanhar, atravez das mutações historicas do mundo, o *filio esoterico* que trouxe até nós, puro e illeso, o pensamento secreto e integral de Moysés, eu abusaria cruelmente da sua paciencia si lhe viesse aqui rememorar em minucia as luctas religiosas dos primeiros seculos de formação objectiva do Christianismo, desde a propaganda dos Apostolos, desde a obra de S. Pedro e São Paulo até á traducção latina de S. Jeronymo no V seculo. Maior ainda seria o abuso si me dêsse ao trabalho de

esmiuçar os factos da tomada de Jerusalém por Tito (70) após as grandes revoltas e dissensões politico-religiosas dos Sadducêus e Pharizêus, em breve convertidas em sanguinolenta guerra civil — que foi a brecha por onde a Loba Romana entrou, insaciavel em sua divisa imperialista. Sabe você que foi por essa abertura que as Aguias de Romulo penetraram e seguiram, até levantar nos escombros da velha Sião, sobre os cadaveres ainda quentes de 600.000 judeus (135), a *Nova Jerusalém* ou *ÆLIA-CAPTOLINA*, da qual, bem como de toda a Judéia, foram expulsos os judêus, e na qual ficou terminantemente prohibida a religião de Moysés.

A conquista romana fez-se e alastrou-se por toda a parte, e, frente a frente e na mesma arena do sentimento religioso, dous athletas luctavam sem tréguas, um para impedir que a sua *Mythologia* se esboroasse, o PAGANISMO, e outro para substituil-a pela « *Nova Fé* », — o CHRISTIANISMO. E a obra do segundo crescia mais ou menos rapida e na proporção da perda de terreno havida pelo primeiro. E a pouco e pouco se foi o judaismo impregnando das doutrinas christans: — eram os « *judeus convertidos* », os « *christãos novos* », feitos pela palavra ardente, convicta e inflexivel dos grandes doutores da « *Egreja Nascente* »; eram, por assim dizer, os discipulos da nova corrente philosophica partida de Alexandria desde Ammonius-Saccas, e na qual, umas mais, outras menos platonicas, brilharam deslumbrantemente as projecções intellectuaes de Ter-

tuliano, Origenes, Irenêu, Clemente de Alexandria, S. Cypriano, Longino, Plotino, Porfirio, Santo Agostinho e tantos outros. Essa nova corrente penetrava fundo na consciencia dos povos de então, e, umas após outras, iam surgindo as seitas religiosas nascidas da controversia travada entre os exegétas do VELHO e do NOVO TESTAMENTO. A alma humana, sequiosa de fé inabalavel, se agitava e entumescia em colossal fermentação, tão grande, intensa e profunda como jámais se dera, — e o maior empenho dos philosophos estava em conciliar o novo com o antigo ensino.

Tal qual hoje, o livro dos judêus já era então o **Talmud**, cujo apparecimento ninguem sabe ao certo em que data foi.

E' no emtanto sabido que as suas origens remontam á reorganização do judaismo após a tomada e destruição do Templo de Jerusalem por Nabuchodonozor, no VI seculo que precedeu a era christan. E' tambem certo que a sua origem assenta na *Kabbala* quando ainda não escripta, na *Kabbala* verbal, tradicional, só communicada por iniciação no impenetravel segredo dos *Sanctuarios*, dos COLLEGIOS SACERDOTAES da antiguidade; assenta, pois, na *Mischna* do grande rabbiino Juda, escripta depois, e que enfeixa e systematiza todos os tradicionaes ensinamentos do passado.

A controversia accêsa no seio do judaismo primitivo versava geralmente sobre tudo isso, todas essas tradições e ensinamentos, e particularmente sobre a *Maasseh*

*Merkabah* (segunda parte da KABBALA), que é tão subtil e transcendente, que até parece theologia para os profanos; porque, quanto á primeira parte (— *Maasseh Bereschit* —), em geral todos acceitavam o *genesis* nella contido, esse *genesis esoterico* que, para muitos, é, por assim dizer — o mais simples, o mais completo, o mais natural e acceitavel de todos os systemas existentes de explicação da Natureza, uma vez que se não faça questão dos nomes e só se encarem os factos.

Antes do **Talmudi Babeli** ( *Talmud de Babilonia* ), composto pelo rabbino Asce, para acabar de vez com a controversia que lavrava entre os judêus (1), havia o **Talmud Jerusalmi** do rabbino Jochanan, e que foi posto de parte pelo primeiro, não só porque o primeiro era mais completo, como tambem mais bem escripto. Dahi por deante outros rabbinos foram lenta e successivamente melhorando esse gran-

---

(1) Mais tarde, nos primeiros seculos da era actual, vai-se encontrar essa controversia no seio do judaismo introduzido na Hespanha pela invasão arabe.

Nos tomos segundo e terceiro das MEMORIAS DE LITTERATURA PORTUGUEZA (da *Academia de Sciencias de Lisboa*), Antonio Ribeiro dos Santos estuda minuciosamente esse luminoso periodo da Peninsula Iberica sob o grande e civilizador impulso do dominio arabe.

São tres *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeus Portuguezes, desde os primeiros tempos da Monarchia até os fins do seculo XV*. As duas primeiras vêm no segundo tomo e vão respectivamente de paginas 223 a 295 (72 paginas), e de 333 a 390 (57 paginas); a terceira vem no terceiro tomo, e vai de paginas 227 a 373 (146 paginas).

Nellas estuda Ribeiro dos Santos as tres escho'as judaicas (hispano-portuguezas) dos *Talmudistas*, dos *Rabanan* e dos *Gueonim*, mostrando a corrente intellectual que então se estabeleceu e se manleve por longuissimo tempo entre o judaismo da peninsula e as academias judaicas de *Nahardéa* e *Sorá*, no Euphrates, *Pumbedita* e *Mehasiah*, em Babilonia, até que se fundou na Hespanha a *Academia de Córdova* (948 da era vulgar), primeira no genero, e á qual se seguiu depois a fundação de varias outras.

de e hoje unico livro do judaismo militante, livro cuja historia e cujas transformações parecem ter seguido uma linha parallela á da historia e das transformações da *Biblia*.

Nos primeiros seculos da era vulgar a exegése judaica entra em grande lucta em Hespanha e Portugal durante o dominio arabe. Ha escolas que debatem e que julgam estar cada qual com a verdade. O judaismo primitivo vai perdendo a intelligencia, o *espirito* dos seus textos. E como a lettra mata o espirito, dia a dia se *exoteriza*, como que vive só pela *fórma*, perdido o segredo, a chave da sua essencia.

E enquanto, como RELIGIÃO, assim se materializa e se perde o sentido intimo, original, do judaismo primitivo, como SCIENCIA elle permanece sob a guarda de sociedades secretas, entregue aos cuidados da iniciação.

---

Nessas *Memorias* estuda o auctor todo o movimento judaico das referidas escolas, de suas divisões ou seitas, de seu progresso, do prestigio dos seus trabalhos perante o mundo, — movimento sempre ascendente e que durou mais de 5 seculos, — 514 annos justos, de judaismo propriamente hispano-portuguez (948-1492), e em que se succederam e dominaram as *Nove edades dos Rabbanim da Hespanha*, iniciadas com a fundação da *Academia de Cordov*, pelo rabbino Moseh e seu filho Hanoc, dous mestres vindos de Pombedita, e depois pelo rabbino e primeiro *gaon* Samuel Hallevi, e terminadas com a partida de Isaac Aboab para Portugal (ultimo *gaon* dos *Rabbanim*, da Hespanha), após a expulsão geral dos arabes.

Hespanha e Portugal foram, pois, os vehiculos do judaismo entre o Oriente e o Occidente, e tudo que ha de mais fluo e mais authentico nessa velha e edificante litteratura biblica primeiro se encontra nos annaes destes paizes que, sómente depois, successiva e lentamente, o foram espalhando pelas outras terras da Europa.

Nascido no extremo Oriente, o judaismo se foi alastrando pelas terras africanas marginaes do Mediterraneo, até que nm dia transpoz esse mar, penetrou principalmente na Hespanha e se derramou por toda a Europa.

E' difficilimo, si não impossivel, separar do dominio arabe, o judaismo primitivo permanente durante tantos seculos na Peninsula Iberica.

Materializado, perdido outra vez, ou antes obumbrado em seu ineffável sentido, o ESOTERISMO que vinha de longe, da longinqua e hermetica Mitsraím, já se tinha introduzido na *exegése do 1.º seculo* com o *emanacionismo* de Simão o Mago, de Menandro, Cleóbulo e outros, reminiscencia gnostica que se accentuou no *2.º seculo* com as doutrinas de Saturnino, Basilides, Valentim, Praxéas, os gnosticos-séthicos, os gnosticos-cainítas e os gnosticos-ophítas. A serpente do SÉPHER, o «AUR», ( = אור ), da velha Symbolica mosaica, a

alma-*Hylè* do Mundo,  resurgia da poeira do passado, filha de «AOD» ( אור =  , =  ), que é o *Pae*, o *Principio Gerador das Fórmãs*, e de «AOB» ( אור =  =  ), que é a *Mãe*, o *Vaso Sagrado*

em que se opera a *substanciação*, a *materialização do Pae Intangível*;— surgia com elles, e passava ao *3.º seculo* com Plotino, Longino, Porfirio e Ammonius-Saccas, até que o *Donatismo* e o *Arianismo*, arrebetaram no *4.º seculo*, atacando de frente o dogma da TRI-UNIDADE, — tão claro, e de tão facil e tão racional comprehensão para os iniciados.

A lucta religiosa estava accêsa, e nella se encarnicavam os doutores das egrejas rivaes, então representadas por Constantinopla e Alexandria. Brillharam nessas pugnas theologicas os santos e padres João Chrysostomo, Epiphaniao, Jeronymo, e Cyrillo; o pri-

meiro, bispo de *Constantinopla*; o segundo, doutor da *Egreja Grega*; o terceiro, doutor da *Egreja Latina*, e o quarto, patriarcha de *Jerusalem*, sob cujo patriarchado se deu o tremendo lynchamento de Hypathia, obra do fanatismo religioso insurgido contra as doutrinas de Aristoteles e Platão, por ella publica e brilhantemente leccionadas.

Como no tempo de Ptolomêu, todos sentiam agora a necessidade urgente de dar aos povos do Imperio Romano uma Biblia escripta na lingua que elles fallavam... Não sómente viria essa Biblia provar que em essencia não ha diversidade de vistas entre Moysés e Jesus, mas tambem viria fixar, por meio da clara significação dos vocabulos latinos, a justa interpretação do ensino sagrado, a verdadeira exegése hieratica. Parecia a todos que uma Biblia em latim supprimiria as controversias surgidas a cada passo da palavra grega da **VERSÃO DOS SETENTA**.

E foi então que se impoz á *Egreja Latina*, para esse mister, a culta, elevada e erudita estatura moral e intellectual de S. Jeronymo.

Varias cópias havia, em hebraico, do **SÉPHER** encontrado no tempo de Esdras, já em poder dos Essênios, já no de outras seitas mais achegadas ao primitivo ensino mosaico. Uma dessas cópias era a da celebre bibliotheca de Alexandria, incendiada depois por Omar, em meados do seculo VII. Tambem já havia em latim uma ou outra parte da Biblia, talvez mesmo a maio-

ria das suas partes ou livros. Para outros já havia até a traducção latina chamada — VERSÃO ITALICA.

S. Jeronymo, que desde moço vivia a estudar a Biblia e os auctores religiosos de então, já tinha percorrido o Oriente e convivido com os grandes mestres da exegése biblica; já tinha estado no deserto sete annos, estudando o hebraico com um judeu convertido, e, de volta a Roma, onde exerceu junto do papa S. Damaso o cargo de consultor religioso, exigido pelo grande numero de consultas que a Santa Sé recebia de todas a partes do mundo, — ia elle fazendo a traducção da *Escriptura Sagrada* ao mesmo tempo que se batia contra os hereges. Essa traducção começou segundo Petin em 386. Em 410 Damaso o incumbiu « de rever sobre o texto grego a traducção latina dos Evangelhos », e elle o fez. « Corrigiu tambem o resto do *Novo Testamento*, e de então em diante a sua traducção foi a unica em uso no mundo catholico. Revisita a traducção latina do *Velho Testamento*, tratou de traduzil-o inteiro do hebraico, e em 390 começou pelo *Livro dos Reis*, fazendo depois a traducção das outras partes da Biblia. Só em 407, após 21 annos de trabalho, pôde elle completar ( com as ultimas traducções do *Peñateuco*, de *Josué* e de *Esther* ) a traducção da Biblia ». E', em summa, o que diz Petin sobre esse assumpto. O padre Diogo do Rosario (*Flos Sanctorum*) discorda um tanto de Petin nas datas, mas com elle concorda quanto aos factos.

Para tirar a limpo os pontos controversos da BIBLIA DE ALEXANDRIA (= « VERSÃO DOS SETENTA », feita em grego), entendeu S. Jeronymo que devia começar por ler o SÉPHER na sua lingua, sem o que seria impossivel um estudo comparado, e portanto impossivel firmar qualquer doutrina a respeito. Estudando o hebraico, S. Jeronymo ficaria igualmente dono do dialecto de Esdras nos TARGÚNS, e compararia as duas traducções ( aramaica e grega ) com o original ou SÉPHER.

Dahi se explicam os 21 annos que S. Jeronymo consumiu nesse tiabalho colossal ( — 386-407 — ).

Uma vez, porêem, oficialmente entregue a elle essa rude tarefa, foi como si anoitecesse em toda a esphera da christandade: — soara a hora do repouso, feita de descanso e expectativa;—cessara a actividade bellicosa dos credos contrarios e, já confiantes, todos os espiritos adormeceram á sombra da grande e vitalissima promessa.

Não levou muito tempo para chegar S. Jeronymo á firme convicção de que os proprios judêus já não sabiam patavina do hebraico conservado nas cópias do SÉPHER... Já os judêus não eram « MOSAISTAS » no sentido completo do vocabulo, e, si como taes se impunham, cahiam em palpavel illusão; — pois como *diccionario* da « lingua sephérica » só tinham a traducção grega, só e exclusivamente a VERSÃO DOS SETENTA. Grande decepção a de S. Jeronymo, que se viu assim

impedido de ir philologica e linguisticamente ás longinquas origens das *Sagradas Escripturas*. Fez, pois, o que pôde, tomando por ponto de partida a BIBLIA GREGA, de que já havia algumas traducções latinas, mais que suspeitas ao novo mundo christão.

S. Jeronymo passou para um latim mais civilizado a VERSÃO DOS SETENTA, e a isso se limitou afinal de contas o seu trabalho de 21 annos, além do qual não poderia absolutamente ter ido, mesmo que se tivesse dado a hypothese de haver elle decifrado o sentido *esoterico* da BIBLIA ALEXANDRINA. — E' que então, por toda a parte, era essa Biblia encarada como verdadeira « REVELAÇÃO DIVINA ».

E foi assim que 872 annos depois da versão de Esdras ou primitiva BIBLIA JUDAICA (465 A-J-C), e 683 depois da DOS SETENTA, GREGA OU DE ALEXANDRIA (276 A-J-C), desta nasceu a *Versão Latina* de S. Jeronymo (407) — que é a BIBLIA CATHOLICA, a — **VULGATA**.

Espalhou-se a VULGATA por cópias e, durante quasi mil annos, do V ao XV seculo, os copistas, como era natural, alteraram profundamente a obra de S. Jeronymo, até que, descoberta a imprensa, se imprimiu em Moguncia a *primeira* « BIBLIA » (— latina —), no anno de 1462, desnaturada em sua pureza primitiva.

E assim como, após a VERSÃO DOS SETENTA (e nella calcadas) se seguiram a *Versão de Aquila*, judêu que a concluiu no anno 120 de nossa era;—a *Versão*

de *Simmaco*, judeu-christão do fim do segundo seculo, natural de Samaria; a *Versão de Theodocio* de Epheso, tambem do segundo seculo; a *de Origenes*, a gothica de *Ulphas*, a *Eslava* e as *Orientaes*,—do mesmo modo, agora, depois da VULGATA (e nella calcadas) se seguiram a EDIÇÃO DE MOGUNCIA (1462, *primeira Biblia impressa*), — a de EMMERIK (1465) — a de AUGSBURGO (1466), — a de REUTLINGEN (1469), — a de ROMA (1471), — a segunda de MOGUNCIA (1472), — a de NÁPOLIS (1476), — a de PARIZ (1476), etc. (1).

Cada vez, mais desnaturadas com o correr dos tempos, as *Biblias* chegaram ao seculo XV diversas umas das outras e grandemente infieis ao original de S. Jeronymo, apesar das revisões de ALCUINO (*Fim do seculo 8.º e começo do 9.º*), LANFRANC (1089), SAINTCHER e outros.

---

(1) Quem consultar as já citadas *Memorias* de A. Ribeiro dos Santos, verá que, muitissimo antes que em qualquer outro povo europeu, e isto devido ao dominio arabe — já havia na Hespanha e em Portugal numerosas cópias (em hebraico) das diversas partes da Biblia. Essas cópias, posto que fragmentadas, sempre foram tidas como as mais fieis, as mais simples e mais perfeitas, e até as mais bellas ou estheticas, devido ao cuidado com que, para tal fim, lá se ensinavam os *copistas*, *ammanuenses* ou *escribas*, creados num meio de puro judaísmo.

Em sua nota (a), ps. 243, *Tomo II*, do referido trabalho, cita A. Ribeiro dos Santos o livro hebraico *Arbâh Turim* do judeu Jacob heu Aser como impresso em Veneza em 1428, segundo o testemunho de outro judeu, José Coen, — o que faz recuar 8 annos a data geralmente acceita da descoberta da imprensa (1436).

Seja como for, a imprensa foi introduzida em Portugal em 1479, e Portugal foi o primeiro paiz da Europa que *imprimiu em hebraico*. Desde então veias cópias ou manuscriptos hebraicos, hispano-luzitanos, foram sendo successivamente impressos e reimpressos, e todos esses trabalhos foram considerados pela critica como modêlos no genero.

Seria fastidioso citar aqui o apparecimento e a evolução da *Biblia* na Península Iherica até á sua impressão definitiva e em nm só corpo. O que convem não esquecer é que isso foi obra quasi exclusiva do illustre e erudicto judaismo hispano portuguez daquelles tempos.

Assim sendo, facil é comprehender que a controversia theologica estivesse outra vez de pé. Era a *lucta das Biblias*; quer dizer: — A LUCTA DAS SEITAS, — a GUERRA DAS «HERESIAS».

Accresce que, desde a invasão dos Arabes em 711, todo o Occidente começou a assimilar as doutrinas orientaes, scientifico-religiosas, e já ia longe nessa infiltração hieratica. Já as *Cruzadas* se tinham organizado contra o Oriente avassalador, num grande afan de desforra, imposto pelo espirito da nova civilização christan; já a obra de Wicief, João Huss, Jeronymo de Praga e Luthero galopava ruidosa e infrene pelas planicies e alcantis do novo credo, numa lucta de conquista e exterminio, e já Ignacio de Loyolla, morto Calvino (1530), fundava em 1541 a *Ordem dos Jesuítas*, tão celebre nos fastos humanos dos seculos 16 e 17.

A Egreja Catholica viu-se, pois, na necessidade urgente de ( — *na esphera de sua jurisdicção* — ) limitar a religiosa liberdade de pensamento ou, antes, dizer ás suas ovelhas qual o seu verdadeiro pensamento, qual e como a sua fé, o seu livro, o cânon do seu credo. E, realmente, não havia outro meio de fazer a selecção, de formar a unidade catholica. E' que, como nos partidos politicos, as Biblias são divisas, bandeiras, programmas religiosos.

E foi então que para esse fim se reuniu em 1546 o *Concilio de Trento*, preoccupado com a invasão crescente das doutrinas de Luthero, Zwingle e Calvino.

E, ao mesmo tempo que decretava a *authenticidade* da **Vulgata** como a mais fiel expressão das « *Sagradas Escripturas* », lançava a excommunhão a todos que lhe negassem a *authenticidade* agora decretada, e determinava que, após escrupulosa revisão, feita por uma comissão de theologos competentes, fosse a dita **Vulgata** reimpressa pura, expurgada de todos os vícios adquiridos atravez dos tempos e mantidos pela ignorancia dos impressores ou pelo interesse dos dissidentes. Assim, sob o pontificado de Sixto V foi ella revista e de novo impressa (— 1590—); mas, terminada a edição, verificou-se que ainda havia erros a expurgar, defeitos a corrigir. Coube essa tarefa a Clemente VIII, que condemnou a VULGATA de 1590 ou de Sixto V, e que, após segunda revisão, mandou imprimir-a pela SEGUNDA vez, em 1592. /

Prompta esta segunda edição, deu-se o mesmo que com a primeira. Apesar de todos os cuidados, ainda tinha erros e defeitos, que não deveriam permanecer no livro que se destinava a ser o livro-mestre, a «BIBLIA CATHOLICA». Nova revisão. Desta vez foi a cousa feita com todas as regras, com todo o rigor necessario a uma empresa de tão alto e melindroso valor.

Purificada, cuidadosamente revista e corrigida em seus ultimos erros, teve então a «VULGATA» a sua definitiva edição, TERCEIRA revista, feita em 1593 e que é, portanto, a decretada como legitima, autentica, pelo CONCILIO DE TRENTO, — a *unica, indiscutivel e verdadeira* — **Biblia do Catholicismo**.

---



## Segunda Parte



## SEGUNDA PARTE

---

### I

#### EVOLUÇÃO DO ESOTERISMO. — IDEOGRAPHIA KÁFICA

Vê-se, pois, que em todas essas Biblias (*judaica, muçulmana, latina ou catholica*) os seus sectarios só vêem o sentido *grosseiro* ou *material, externo, extrinseco* ou *exoterico* do SÉPHER, propositalmente RE-VELADO, afim de que a «*chave tri-una*» do ABSOLUTO, da SIENCIA INTEGRAL, não fosse parar nas mãos dos profanos. Mas tambem já se viu que a transmissão historica do pensamento esoterico veiu, atravez dos tempos e de todas as vicissitudes dos povos, *como um fio secreto*, sem interrupção e sem perdas de qualidade e de quantidade;— veiu até nós e irá até ao ultimo privilegiado que tiver a missão de *descobri-lo* aos povos do futuro, já evolvidos até ás culminancias da perfectibilidade moral, intellectual e social. Tambem já se viu que a «*chave*» desse saber é transmittida por «INI-  
CIAÇÃO», por sociedades secretas, as quaes, no Occi-

dente, só começaram a ser conhecidas por occasião dos Templarios, e que sob diversos nomes pullulam hoje em todos os paizes civilizados, trabalhando homogeneamente para um grande e nobre fim, que só será conhecido depois, — muito depois de realizado.

Mas, após a RE-VELAÇÃO desse ensino, ficaram indelevelmente gravadas na consciencia e na tradição popular (como *reminiscencias atávicas, inconscientes*) FIGURAS, FÓRMAS GRAPHICAS, PANTACULOS, PALAVRAS IN-COMPREHENSIVEIS, TALISMANS, AMULETOS E SYMBOLOS — que jamais desapparecerão, e que, *vivos*, são transmitidos como «SUPERSTIÇÕES», de individuo a individuo, de povo a povo, sem mais vislumbre de seu sentido primitivo. Veja, por exemplo (citarei apenas 3 factos, e sem maior analyse psychologica), o que se deu com:

a) — { — o **M** da palma das mãos,  
          { e o numero **13**;

b) — { — o «cannêlo» ou ferradura velha,  
          { cabida do casco do animal, — e

c) — { — o trevo de  $\frac{4}{3}$  folhas.

a) — O «EMME»

Signal originariamente ideographico da *feminidade* em todas as cousas da Natureza, — symbolo quaternario da MATERIA, portanto da MATERNIDADE, e da MORTE

(1), — a letra M, o *M* hebraico ( מ ), cuja numeração é 13, (= 4, a *Materia* e as suas formas, a morte transitoria ), — passou a sêr visto como *M* latino nas QUATRO grandes linhas palmares da mão, indicando (Chiromância popular) «*vida curta*», «*morte breve*», si as linhas forem mais ou menos superficiaes ou apagadas, pouco distinctas, mas bem unidas umas ás outras.

Concomitantemente a essa reminiscencia fóssil de um symbolo outróra vivo, e altamente significativo e philosophico, ficou tambem como reminiscencia o «13», mas já sem o seu character grammatico, sem a sua significação e sem o seu valor alphabetico de *M*; pois apenas conservou a significação de «*Morte*» ligada ao *quaternario-Materia*, mas sem consciencia dessa li-

---

(1) Não devemos perder de vista que, etymologicamente, o latim *MATERIA*, expansão do latim *MATER* (= Mãe ), vein do grego *ματηρ*, por sua vez expansão do antigo grego *μα* (= Mãe ).

Ora, este *μα* é o מֵה (= Mãe ) hebraico (segundo Fabre d'Olivet), cuja numeração é 4 (= מ) ou a *Materia*, a Mãe, o elemento feminino, passivo, — e 1 (= א), o elemento activo, fecundador, masculino, o «*Homem Universal*, o *Genero Humano*, o *Sêr dominador da Terra* (— F de Olivet). Vê-se, pois, em מֵה (= Mãe = *Materia* = *Morte*) a unificação do Principio Creador com a cousa creada, desde o mineral até ao Homem.

De מֵה — os derivados-equivalentes מַהֵה (= *Materia*, *Movimento*) ou מוֹהֵה (= *morte*, conforme o sentido esoterico em que fôr tomado), — porque o primeiro é 4 (מֵה = 4), e o segundo é 8 (מוֹהֵה = 8).

Assim, de *Materia*, *Mãe* e *Morte* é symbolo o M, por etymologia dos dous primeiros e equivalencia mental dos tres; pois temporariamente indicam: — *MATERIA*, = *condensação*, *limitação da energia*, *no espaço e no tempo*; — *MÃE*, = *materializadora da Energia Consciente e Eterna na carne* (= *humanização*); e — *MORTE*, = *porque essa humanização, essa materia*

*lisação da Energia* מוֹהֵה מַהֵה equivale a uma verdadeira morte temporaria.

E assim me referi á «*Quêda adamica*» ou «*Involução*», que, apesar disso, continúa a ser um «*ARCANO*».

gação na alma popular. Dahi: — a «MORTE» de um dos convivas de um jantar, quando elles são em numero de 13 (1).

b) — A « FERRADURA »

A ferradura velha, gasta, cahida do casco do animal; — o *cannêlo* encontrado nas ruas, nos caminhos, nas estradas, «traz felicidade», e é apanhado com respeito e alegria, e com fé pendurado num prego, atraz de uma porta..., quasi sempre da porta da rua, que é a porta de entrada..

— Porque?!

— Qual a perda psychologia desta « SUPERSTIÇÃO »?

— Pegada de certo geito, a ferradura representa um *káf* um tanto alongado  letra de phantasia, mas, em todo o caso — sempre um *káf*.

Ora, כ is o *Poder* (= כביר = *Potens*), a *Força*, o *Dominio*, idéas e virtudes que implicam FELICIDADE:

---

(1). — O «jantar» (= refeição) é o acto diario mais material, menos intellectual dos sêres organizados. Pela refeição é que elles synthetizam em si a natureza externa, que é quaternaria (= 4, = +), represen-

tada por sens 4 aspectos geraes: — FOGO ( $= \text{☽} = \triangle$ ) — AGUA  
( $= \text{ג} = \triangle$ ) — TERRA ( $= \text{ג} = \triangle$ ) e — AR  
( $= \text{א} = \triangle$ ).

—domínio, governo de si e dos outros, domínio do Homem e da Natureza. Mas esse domínio tem que partir do Homem, do sêr por excellencia religioso; e a organização psycho-physica do Homem é SEPTENNARIA (1)  $4 + 3 = 7$ : — 4 para a *Materia*, 3 para o *Espírito* (2), que vem a ser: + ou  mais , igual a  ou  ou ainda .

E si o 13 (que é = 4) tem por synthese symbolica a cruz,  que, como já se viu, é signal de morte, de encarnação, — a «assignatura» do cannêlo (káf,  $\supset$ ) (3) vai completar-se NO SEPTENNARIO feito DE SETE (4) IÔDS ( $\supset$ ) DE FERRO (— os «cravos»); — NO SE-

(1) — A ferradura tem 7 cravos, — 4 de um lado (que deve ser o lado de baixo) e 3 do outro, ou  e : — 4 representando a MATERIA, e 3 o ESPÍRITO.

— MENS AGITAT MOLEM.

(2) — São empregados os termos *Materia* e *Espírito* em falta de outros que, em nossas linguas occidentaes, dêem uma idéia mais ou menos approximada desses extremos, desses dous estados bipolares, antipodas, da NATUREZA.

(3).— Letra dupla, bipolar, o  $\supset$  é 11 (mas 11 é  $1 + 1 = 2$ ); portanto é 2 gerado de  $1 + 10$ , — agente e paciente em acção, — creatura directamen'te ligada ao creador: — «Hypóstase», diria um theologo.

(4) — Iôd, décima letra hebraica ( $\aleph$ , = 10, = 1, = ) , não é «MÃE» como  $\aleph$ ,  $\beth$ , e  $\daleth$ , A, M e S, — mas é «PRINCIPIO»: portanto, é mais que Mãe, e portanto representa o «Princípio Espiritual Eterno», — a «Infinita Força Creadora», — e é por isso visto como o signal graphico, physico, indicativo do ABSOLUTO, isto é — de DEUS.

Iôd  $\aleph$ , graphicamente, a representação cansal do PONTO QUE SE EXPANDIU ( $\aleph$ ), refractando em novo meio; é a POTENCIALIDADE QUE SE REALIZOU, — o NÃO-SER em sua entíficação, — a ESTÁTICA na DYNÂMICA, o HOMOGENEO no Heterogeneo, o ABSTRACTO no Concreto, o ABSOLUTO no Relativo, — DEUS NA NATUREZA.

PTENNARIO, repito, unindo-se assim os dous mundos (*visível e invisível*) num « TODO » inseparavel: .  
= 6 + 1 (1 no centro do pantaculo, representado pelo ponto), = 7.

A superstição ficou, mas o esoterismo da sua origem, esse perdeu-se na memoria popular.

Perdido o segredo genetico do facto, a representação graphica da ferradura, como talisman, jámais poderá ser lançada no papel no sentido do *káf*, כָּף, — porque a superstição exige que os objectos a que ella se liga sejam representados segundo a sua orientação natural.

E' por isso que a ferradura é pendurada com o rompão *para baixo*; assim: — .

c) — O « TREVO » DE « 4 » FOLHAS

Já o *trevo* normal, de 3 folhas, só por si é historicamente um talisman popular. Além da idéia da « TRINDADE » nelle contida (« *Padre, Filho, Espirito-Santo* »), ou *Iôd, Hê, Vô* (יהוה = IEV) como diria um *hermetista*, idéia que se liga ao *triumpho* no jogo, no amor, em tudo, — encerra tambem as idéias de « *represalia, vingança, desforra ou despique* », victoriosamente exercidas contra alguém ou alguma cousa.

Nas variedades chamadas *trevo branco, encarnado e do campo*, variedades europeas, estão respectivamente contidas as virtudes de «*fazer pensar em si*» («*PENSA EM MIM*»), de «*solicitude, previsão e providencia*» («*VENCEREI*»), e de «*quietação absoluta, desforra ou desaf-  
fronta*» («*REPOUSO & MOVIMENTO, á vontade; PASSIVIDADE & ACTIVIDADE conscientes*»). Os naipes de paus dos baralhos descendem intellectualmente de uma folha de *trevo* (1), e o esculptor das *cathedraes* da edade média talhou conscientemente os trevos da sua esculptura ideographica.

Mas não é desse trevo normal, desse trevo de *tres* folhas, que cuida esta hypothese.

Deixando-o de parte, e tomando o de *4 folhas*, póde-se, por analogia com a analyse psychologica de todas as «*superstições*», geraes ou universaes, affirmar que o prestigio do *trevo azedo* ou *azedinha* ( — *Oxalis repens* ? ) dos nossos quintaes não se filia sómente ao caso raro, provavelmente teratologico, de se encontrar *uma haste com QUATRO folhas*, quando só é proprio de *cada haste o ter TRES folhas*: — porque si assim fosse, todas as *raridades* seriam *talismans*.

(1).— A historia intellectual dos baralhos remonta, de phase em phase, á época dos «*Mysterios Egyptios*». -- Assim, *paus* tem a sua verdadeira origem no *Iód* (י); — *copas* no *Hê* (ה); — *espadas* no *Vô* (ו), — e

*ouros* ( = «*dinheiro*», «*moeda*», = , *fôrma circular sem principio nem fim*) no 2.<sup>o</sup> *Hê* (ה) do TETRAGRAMMA (היהוה), symbolo do INFINITO ( = יהוה אלהים ) no *Tempo* e no *Espaço*.

O creador desse elegantissimo e mimoso talisman que, como berloque, invadiu as vitrinas dos joalheiros e, pousado no collo das senhoritas, fez a volta do mundo, — deve ter visto na humilde e delicada plantinha, amante da meia-luz e da humidade, a viva representação botanica do TETRAGRAMMA SAGRADO יהוה, = ИОАИ, = ЈЕОВАИ, sobre o qual já ficou dito o que convinha dizer.

Assim pois — ha sempre uma psychologia em cada «*superstição*» e não ha «*superstição*», por mais abstracta que seja, que não possa, em ultima analyse, ser graphica, simbólicamente representada.

Visto das altas cumiadas do ESOTERISMO, é assim o mundo, nas formações naturaes como nas obras humanas, nas paginas vivas do reino mineral como nas do reino vegetal, na ceramica, na musica, na architectura, em heraldica, em numismatica, — em tudo emfim.

A cousa existe e tem sua razão de ser. E' a *rubrica*, a *assignatura* ideographica da FORÇA ou INTELIGENCIA que traçou o poema de seu advento á materia no grande livro infinito da Natureza.

A difficuldade só está em interpretar as «*assignaturas*».

Esses tres exemplos foram escolhidos para mostrar que João Ramalho, *a priori*, póde ter empregado in-

conscientemente, empiricamente o *káf*, no caso de não ter sido um judeu letrado, dada a hypóthese de ter sido judeu. Esta hypóthese só será aceitavel depois de justificada com documentos propriamente historicos.

Quanto ao seu *analphabetismo*, desde que se trate de um «JUDEU», será difficil, posto que não impossivel, proval-o, — porque, desde tempos immemoriaes, são os judêus obrigados a apprender a ler e escrever, e nenhum delles deve ignorar o hebraico.

Admittindo-se, entretanto, que, por singularissima excepção, o supposto judeu lusitano João Ramalho não soubesse ler e escrever nem o portuguez nem o hebraico, ainda assim póde ter elle affirmado com o *káf* a opposição do seu livre sentimento religioso ao sentimento do catholicismo que se transplantava na nova terra descoberta; póde tê-lo tambem empregado como signal que, talismanicamente, lhe dêsse ao mesmo tempo a *força, o dominio de si, o dominio dos outros e da Natureza, dominios esses resultantes da mais alta focalização da VONTADE, por meio de um talisman*; — póde ter assignado «*de káf*» em vez de ter assignado «*de cruz*», sem com isso em nada augmentar ou diminuir as grandes ou pequenas qualidades que porventura se consigam provar da sua intelligencia, dos seus sentimentos e da sua vontade.

E' possivel que a muitos repugne e seja antipathica a these «si Ramalho foi ou não judeu». Entre-

tanto, o ter sido e o ser judêu, de modo algum deve ser encarado como labéu a quem o foi ou é. Philosophicamente, no desapaixonado dominio da comparação historica, tão digno de respeito é o judêu, o buddhista, o lutherano, como o protestante, o catholico romano ou qualquer outro de qualquer outra crença. Em assumpto de religião nenhum credo é infamante, porque, philologica e historicamente, todas as *religiões* (no plural) são apenas *fórm*as diversas de um attributo, de uma unidade psychica, irreductivel e universal, do sentimento humano, — *fórm*as da RELIGIÃO (no singular) uma e unica, verdadeira, indivisivel e eterna. Portanto, a questão aventada do judaismo ou não judaismo de Ramalho não deve ser encarada sob esse mesquinho e estreito ponto de vista, — mas apenas como uma simples verificação historica a fazer.

Assim encarado, si foi «judêu», o foi *material*, *concreto*, *empírico*, de *outiva*, apenas como um producto dos meios commerciaes judaicos que então existiam nas grandes cidades de Portugal, da Hespanha, da França, da Belgica, da Inglaterra, da Allemanha e da Hollanda, rebentos da invasão moura, — e não por conhecimento *esoterico* da doutrina mosaica, — por qualquer preocupação de ordem philosophica. Si foi, o foi como e pelo mesmo motivo, e pelo mesmo processo psychico por que é catholico o nosso caipira, o guasca do Rio Grande do Sul, o tabaréu da Bahia e o matuto de Minas. Mas, mesmo assim, si o signal

da sua rubrica é o *káf* (1), hieroglypho vivo da LINGUA SAGRADA, ideographica, sem o saber affirmava João Ramalho com isso a existencia, em seu tempo, *dos restos* do velho ensino hermetico dado por iniciação secreta nos subterraneos da *Esphinge*, ligados aos subterraneos e aos grandes salões—symbolica, geometrica e astrologicamente abertos no baixo ventre das *Pyramides*; talvez não somente «*dos restos*» desse ensino, mas de todo elle então transfundido na sciencia vi- gente dos alquimicos e dos astrólogos.

Vejamus si póde ter sido de qualquer desses modos, — e qual delles será o mais acceitavel, o mais resistente á critica.

## II

Com a civilização arabe, moura ou sarracena, desdobrada no Occidente após a invasão e a osmóse ethnica dos povos da Europa e da Asia, principalmente dos da Hespanha, — a velha *Sciencia de Hérmes* teve o seu «RENASCIMENTO» sob dois aspectos principaes que se chamaram: — ALQUÍMIA e ASTROLO-

---

(1) E, si o era, João Ramalho o escrevia segundo a fôrma que lbe deram os Magos, e que é uma variante da sua fôrma hebraica. Quem se quizer convencer disto não terá que fazer mais do que abrir as obras de Eliphaz Levi, Stanislas de Guaita e de todos os grandes esoteristas, e examinar nellas os *pantáculos* em que existe essa lettra.

O alfabeto *dos Magos* (fôrma typographica) é encontrado na «MAGIA», grande e notavel obra de P. Christlan, a ps. 177.

Na mór parte das obras kabbalisticas é esse alfabeto preferido ao hebraico para as representações ideographicas. O que nelle differe do alfabeto hebraico é só a fôrma das lettras. A numeração é exactamente a mesma.

GIA (1). Esse renascimento data do segundo e terceiro seculo de nossa era, do «NEO-PLATONISMO» da «ESCHOLA DE ALEXANDRIA», e teve por principaes representantes, por indefessos propagadores, os *Gnosticos*, cujos guias intellectuaes foram então, entre outros de menor valor, Ostanes, Synesio, Zósimo, Geber, — e depois Avicêna, Alphidio e Avenzoar. Com a volta dos *Cruzados*, penetraram na Europa não somente as obras de Aristoteles, mas tambem as obras arabes, que tratavam da *Alkímia*. Foi por esse tempo que surgiram os vultos gigantescos de Alberto o Grande, Rogerio Bacon, S. Thomaz de Aquino e Raymundo Lúlio, — no terceiro seculo. Dahi começou então a progredir a *Alkímia* pelos seculos em fóra, até que no 17.º tocou a seu apogêu, para decahir logo e lentamente no 18.º cedendo logar á *CHIMICA*, sua filha legitima.

Assim, no tempo de João Ramalho (seculo 16.º) a *Alkímia* e a *Astrologia* dominavam toda a Europa, e a Inglaterra, a França, a Allemanha, já tinham apresentado á admiração do mundo nomes como os de Georges Riplee e Norton, Nicolau Flammel e Bernardo Trevisano, Trithemio, Ulsted e Sultzbach. Foram tambem da mesma epocha Isaac o Hollandez, e Basilio Valentim — que introduziu a *KABBALA* na *Alkímia*, e dentro em pouco surgia o extraordinario

---

(1) — Daúa a etymologia da palavra *Alchímia*, seria melhor que se escrevesse com *k* em vez de *ch*, e que se dissesse em portuguez *Aikimica* e *Aikimicos* em vez de *Alchímia* e *Alchimistas*.

genio creador de PARACELSO, que encheu o mundo com seu saber (1) e que formou escola. Reconstruido o HERMETISMO por esse verdadeiro genio, por esse « *Divino Paracelso* », como lhe chamavam os seus discipulos e os seus biographos, — enorme foi a serie de « *philosophos hermeticos* » que dahi veiu até ás raias do seculo 19, e cujos nomes deixo de citar para não extender ainda mais esta noticia historica do ESOTERISMO EGYPCIO *atravéz dos povos do Occidente*. Todos elles vieram affirmando a *Unidade da materia*, a *Unidade da Natureza*, e a *Illimitação do espirito humano sob certas condições secretas, estabelecidas e verificadas pela « INICIAÇÃO »*; todos elles tinham a chave senária, kabbalistica, do SÉPHER, graphica e numericamente contida na lingua secreta de Hérmes, e quasi todos elles foram judêus no sentido *psychico*, *esoterico*, da palavra. A *Astrologia*, que tinha invadido os proprios palacios dos reis, descia então, *de mãos dadas com a Magia*, ás ultimas camadas sociaes, e ambas triumphavam na consciencia daquellas épochas.

Na Hespanha e em Portugal já o dominio arabe tinha tocado a seu termo, dominio em verdade começado muito antes das *grandes invasões* da Historia, muito antes da fundação da ACADEMIA JUDAICA de Córdova. Quando as invasões historicas começaram a dar-se no seculo VIII, fundindo em grande escala o

---

(1) — As suas obras completas, escriptas em latim, foram ha pouco vertidas para o inglez por Waite.

sangue, a alma e a civilização oriental no sangue, na alma e na incipiente e diversa civilização iberica, romana de origem, mas modificada pelo impulso dos Burgundos, dos Francos e dos Vizigodos, desde o seculo V. — isso se deu porque o Mouro, já derramado aos poucos por toda a Hespanha, já influente nella, tinha levado aos seus patricios da Africa, e estes aos da Arabia, a noticia de que a futura terra do Cid era conquistavel, e que essa conquista podia transpor os Pyrenêus e ir até á Gallia.. Elle, o Mouro, não contava com Carlos Martel (732), que o obrigou a não dilatar o seu dominio além da Hespanha. Aqui, pois, fundou o Arabe o seu imperio, que é um dos mais luminosos da Historia Universal; enriqueceu, illustrou toda a Peninsula Iberica com as suas artes notaveis, dentre as quaes sobresahiam a architectura e a esculptura; trouxe-lhe as sciencias e a religião philosophica, e imprimiu-lhe um impulso tal, que ainda é, nos dias que correm, o mais glorioso passado da terra hespanhola. Nos seculos X e XI, porêm, formados os reinos christãos de Aragão, Leão, Navarra, Barcelona, etc.; colligados os principes, directores desses reinos, para o anniquilamento dos mouros, a lucta começou entre os christãos e os arabes, lucta de seculos, e que só devia terminar com a reconquista da Hespanha por meio da expulsão geral do invasor. Desde muito que a exegése romana lhes ia (a elles — arabes, judeus quando philosophos e, na pratica — mahometanos),

lhes ia limitando a área de acção, cerceando a esphera das liberdades tanto civis como religiosas... E foi assim que a 16 de Julho de 1212, ganha pelos reis christãos de Aragão, Navarra e Castella, a famosa batalha de Navas de Tolosa, commandada pelo emir Mohammed-el-Náser, já ficaram os arabes só circumscriptos a Granada e a Córdova, ao passo que Castella e Aragão foram com isso subindo ao fastigio do poder, e começaram a incorporar a seus dominios os demais principados hespanhoes. Dous seculos e meio se consumiram nessa lucta que tendia á unificação politica e religiosa da Hespanha, ideal que só se realizou em 1469 com o casamento de Fernando V, o *Catholico* (de Aragão), com Isabel de Castella.

A perseguição aos arabes continuou então sem treguas, até que em 1492 perderam elles Granada, o seu ultimo reducto na Hespanha, com a rendição de Boabdil.

Seguiu-se então o edito que os obrigava a uma das duas pontas deste dilemma: — *Conversão ao catholicismo* ou *sahida da Hespanha dentro de 4 mezes!*

E' desnecessario dizer que os judeus preferiram o exodo.

Foram, pois, expulsos da Hespanha, e dentro em breve o seriam de Portugal. A contiguidade dos territorios determina quasi sempre a unidade do pensamento, das idéias e dos sentimentos: — a geographia tem tambem a sua osmóse, e a Curia Romana, sagaz,

jesuita e elastica como os tentaculos do polvo, era então o cerebro da Peninsula Iberica.

Mas, antes e por diversas vezes, perseguido na Hespanha, melhor sorte não encontrou o judaismo em Portugal, apesar de lá ter vivido, durante quasi 300 annos, uma existencia livre, progressiva, principalmente emquanto reinaram D. Affonso II, o *Gordo*, — D. Sanchinho II, o *Capêllo* (filho do primeiro), — D. Diniz, o *Lavrador* (filho de Affonso III), — D. Pedro I (filho de Affonso IV e amante de Ignez de Castro), — D. Affonso V. o *Africano*, — e D. João II, seu filho, cognominado o *Principe Perfeito* (Seculos XIII e XIV).

Os judeus hispano-portuguezes, dignos filhos do judaismo arabe, tinham dado á litteratura biblica um impulso verdadeiramente colossal. Exegétas, doutrinadores, commentadores, kabbalistas, talmudistas, traductores, — floresceram nesses tres seculos nomes de tamanho brilho e de tão grande e tão legitima estatura, que se impuzeram á historia do pensamento humano, e nella se immobilizaram para sempre, indelevelmente, numa crystallização de estrellas mortas. Os seus livros abundavam, primeiro escriptos em caracteres hebraicos, simples, os caracteres ou letras quadradas, depois em caracteres rabbinicos, depois em grego, que foi então a lingua mais falada, depois em latim, que lhe succedeu, e finalmente em hespanhol e portuguez daquellas epochas.

Elles não dispensavam a *Biblia hebraica*, fosse em

que paiz fosse que estivessem e propagassem a sua fé; mas, ao lado dessa Biblia, semeavam a sua traducção na lingua do paiz em se achavam. Era uma praxe, uma quasi lei, á qual se refere Maimonides (1), celebre rabbino do seculo XIII, nas suas obras *Mischna Thorah* e *Moreh Nebocim*.

Já eram então manuscriptos populares (*cópias*) as traducções biblicas, hespanholas, dos rabbinos Kimchi e Abrahão Aben Hesra; a de Bonifacio Ferreira (1408), feita em dialecto valenciano; e muitas outras. A riqueza dessa litteratura manuscripta orçava por centenaes de obras diversas, das quaes as mais importantes começaram a ser impressas logo depois da descoberta da imprensa.

Para só citar nomes portuguezes, porque si os citasse hespanhões avolumaria demais este trabalho, que não deve ser longo, por se destinar talvez á *Revista*; — para só citar nomes portuguezes, repito, Portugal pôde ufanar-se de ter tido na historia intellectual do seu passado, nos seculos XIV e XV, judeus do alto valor destes seus filhos:

— Abrahão Chajen, que escreveu o OMEROTH TAHOROTH ou « *Sermões Puros* »;

— Abrahão Sebá, que escreveu o ZEROR HAMOR ou « *Ramilhete de myrra* », obra de puro kabbalismo

---

(1) — Citado por Antonio Ribeiro dos Santos nas suas MEMORIAS, trabalho esse que me vai guiar quasi *ad verbum* na seguinte enumeração dos grandes judeus portuguezes de então.

zoárico ( 1 ), e o ZEROR HACESEPH ou « *Ramilhete de prata* », segundo o GENESIS, C. 42, v. 35, — commentario kabbalístico ao *Cantico dos Canticos*;

— David Gedaliah ben Jachia, rabbino e jurista, que escreveu o QUIBUR DINIM ou « *Composição dos juizos* », o MAAMAR HAL DINE TERAPHOT (« *Tratado dos juizos das viandas* ») e o SCHALSCHOLET HAKKAB-BALA ou « *Cadeia da tradição* »;

— David Jachia, que foi um grammatico hebraista, um philosopho e um poeta, e que viveu na intimidade de D. Affonso V;

— David ben Salomão ben David ben Jachia, poeta e talmudista, commentador e grammatico, apreziado auctor d' « *O Siculo do Santuario* »;

— Gedalia ben David Jachia, reitor da *Academia Judaica* de Lisbôa, medico, philosopho e jurista, depois chefe da *Synagoga* de Constantinopla, e auctor de uma obra em que commenta « *Zacharias* » e expõe as « *Sete sciencias sagradas* »;

— Jacob Jachia ( o « *Rabenú Tham* » dos judêus, que quer dizer - *Nosso Mestre Perfeito* ), filho de David Jachia, como elle douto, e que escreveu o THE-

---

( 1 ) — Segundo o methodo proprio do ZOHAR ( ou « *Luz* » ), desse que é um dos mais importantes livros kabbalísticos, no dizer de Adolphe Frank, — obra do judêu Moysés de Leão.

Knorr v. Rosenroth imprimiu em 1667 a sua KABBALA DENUDATA, que só em 1795 foi vertida para o francez por Henri Chateau, sob o mesmo titulo latiuo, mas com o sub-titulo LE ZOHAR.

Consulte-se tambem a substancial e notavel obra de S. Karpe — *Etude sur les origines et la nature du Zohar*, publicada em 1901 por Felix Alcan, — Pariz.

HILAH LEDAVID ou « *Louvores de David* », mosaista, genesisista, theologo e philosopho ;

— José Chivan, talmudista, commentador dos *Psalmos* e auctor do MILÉ ABOTH (« *Sermão dos Padres* »), em que commenta o talmudismo do livro PIRKÉ ABOTH ou « *Capitulos dos Padres* » ;

— Abrabanel (Rabbi Izaak —), sem duvida o mais notavel dentre os notaveis doutores do judaismo hispano-portuguez, lisboêta, nascido em 1437 e fallecido em 1508 (1), em Veneza, aos 71 annos de idade.

E' uma das mais salientes figuras do judaismo universal, não somente pelo criterio philosophico que palpita em todas as paginas das suas numerosas obras, como tambem pela erudição, pela intellectualidade das expressões, pela subtileza da sua theologia e pelo vigor com que sustentou as tradições judaicas contra o novo credo. Dahi o dizerem uns que elle foi sabio e grande como Maimonides, e outros que o foi mais e maior que o *Platão* dos judeus, illustre filho de Córdova.

Das suas numerosas obras muitas se perderam, outras foram impressas, e algumas, ainda em manuscrito, são encontradas numa ou noutra bibliotheca europeia, onde figuram como verdadeiras reliquias.

---

(1) — Das difficuldades da lingua hebraica veiu o escrever-se de varios modos o nome desse grande rabbino do judaismo portuguez. Conforme os auctores que a elle se referem (e numerosissimos são elles), é esse nome graphado, ora *Abarbanel*, e ora — *Abrabaniel*, *Abarbiniel*, *Abravanel*, e até *Barbanella* e *Ravznella*.

A meu vêr, ABRABANEL é a melhor representação graphica do nome hebraico.

As mais citadas são :

— MARCHEVÉTH HAMMISCHNEH (= « *Segunda carroça* ou *O que é a segunda pessoa do Estado depois do Rei* » ), impressa em 1551 ( Como já ficou dito, estas e outras obras, existentes muitissimo antes da descoberta da imprensa, circulavam por meio de cópias ).

Mas esta, que é um commentario ao *Deuteronomio*, foi escripta em 1457 e, durante muito tempo, — lida e explicada, publica e didacticamente, na *Synagoga de Lisboa* ;

— PERUSCH HAL THORAH, commentario geral ao *Pentateuco*, impressa pela 1.<sup>a</sup> vez em Veneza em 1579. Teve varias edições ;

— PERUSCH HAL NEBJIM RISEHONIM, terminada em 1484, impressa em 1493 em Napolis, e depois reimpressa varias vezes. Ahi commenta o rabbino lisboêta os « Primeiros Prophetas » dos judeus, referidos em *Josué*, *Juizes*, *Samuel* e *Reis* ;

— PERUSCH HAL NEBJIM AHARONIM, em que commenta os « Prophetas posteriores », obra terminada em 1490 e tantos, e impressa pela primeira vez em 1511, em Pesaro. Varias edições em diversos logares ;

— MAHENE HA JESUHAH (ou *Fontes da salvação*), commentario a *Daniel*, terminado em 1497, impresos pela primeira vez em 1551 e depois reimpresso diversas vezes em varios logares. Ahi responde Abrabanel ás objecções dos christãos, e o faz de modo cabal para os judêus, com grande luzimento para a doutrina judaica ;

— ROSH AMANAH (ou as *Bases da Fé*), em que firma os pontos fundamentaes do judaismo, analysa e aceita Maimonides, de cuja exegése se afasta em alguns pontos, e refuta Chasdai e Albo.

Impressa em 1506, muito tempo depois de escripta ;

— MASCHMIA JESUHAH (ou o *Pregoeiro da salvação*), terminada em 1498, impressa pela primeira vez em 1526, e reimpressa depois muitas vezes. Ahi explica o celebre rabbino portuguez as prophcias dos 17 prophetas (*Balaão, Moysés, Isaias, Jeremias, Ezechiel, Oséas, Joel, Amós, Abdias, Michéas, Habacuc, Sophonias, Haggêu, Zacharias, Malachias, David e Daniel*) sobre o MESSIAS, e o faz para consolidar a fé judaica na sua esperanza de se ver um dia restituída á mãe patria ;

— NACHALATH ABOTH (ou a *Herança dos Padres*), obra terminada em 1496, em que commenta o tratado PIRKÉ ABOTH (que figura na edição da MISCHNA) e que só foi publicada em 1567. Antes, porém, de publicada, foi traduzida em latim por Surenhusius ;

— HATERÉTH ZEKENIM (ou *Corôa dos Anciãos*), escripta durante a sua mocidade, sobre o *Exodo* e sobre *Malachias*, e só impressa em 1557 ;

— ZEBACH PESACH (ou o *Sacrificio da Paschoa*), em que explica os ritos paschaes estabelecidos no livro HAGGADÁB SCHEL PÉSACH.

Obra terminada em 1496 e impressa pela primeira vez em 1506 ;

— MIPHEHALOT ELOHIM (ou *As obras de Deus*), livro que só foi impresso muito tarde, em 1592, e no qual discorre Abrabanel sobre a criação do mundo, dos anjos, e sobre a Lei de Moyses ;

— TESCHUBOTH (ou *Respostas*), obra só publicada em 1574, em Veneza, e em que responde ás *Dose questões philosophicas* que lhe foram propostas pelo rabbi allemão Saul Cohen, relativamente a certas passagens obscuras do livro MOREH NEBOKIM (ou o *Guia dos que duvidam*), de Maimonides ;

— MACHAZEH SHADDAI) ou a *Visão do Omnipotente*), obra perdida pelo auctor durante a sua fuga de Portugal, perseguido por ser judeu;

— TZEDEK OLAMIM (ou a *Justiça dos seculos*), obra perdida nas mesmas condições e pelos mesmos motivos acima expostos.

O fim do mundo, os ritos da festa de anno bom e do dia da Purificação, o Paraizo, o Inferno, a resurreição dos mortos e o juizo final eram os assumptos de que ella cuidava;

— LECHAKAT HANNEBIM (ou a *Congregação dos prophetas*), em que, tratando de varios prophetas, refutava passagens do MOREH NEBOKIM de Maimonides, e completava ensinamentos iniciados (ou não existentes) no seu livro anterior MACHAZEH SCHADDAI;

— JEMOTH HAOLAM (ou os *Dias do seculo*), obra chronologica, em que acompanha as vicisitudes do povo judaico, desde seu apparecimento até ao tempo do auctor;

— SEPPER SAMAIM CHADASIM (ou o *Livro dos novos céus*), em que restabelece e analyza a cosmogonia mosaica;

— JESUHOTH MESICHÓ (ou a *Salvação do Ungido*), livro em que se encontram as

tradições dos antigos rabinos sobre o Messias (tradições enfeixadas no TALMUD).

Só aqui, nessas obras de Abrabanel, que rica seara para o judaismo portuguez dos seculos XIV e XV! Mas não terminam ali os grandes vultos desse judaismo nos tempos de João Ramalho, e isto sem citar a grande corrente judaica alimentada anteriormente pelas obras vindas da Hespanha para Portugal.

E assim é que a velha Lusitania podia ainda ufanar-se de ser a mãe de rabinos illustres como o foram:

— Jehuda ou Judas, nascido em 1390 em Lisboa, e que escreveu o KINA (ou as *Lamentações*), obra lithurgica que tambem faz parte do MACHZOR hespanhol, editado em Veneza em 1656 (1);

— Moseh ben Chabib ben Schen Tob, egualmente lisboêta, da *Synagoga* e da *Academia Judaica* daquella cidade, e que além de trabalhos grammaticaes relativos á Lingua Sagrada, escreveu o MACHANÉH ELOHIM (ou os *Reaes de Deus*), obra philosophica e theologica, e o KOŁ JEHOVAH BECOACH (ou a «*Voz de Deus em Fortalezas*»), commentario biblico, em que examina o auctor a doutrina exposta pelo rabbi Jedaliah ben Abrahão

---

(1).—Machzor (ou as *Preces judaicas*).

Hapenini no seu livro BECHINATH HOLAM (ou o *Exame do Mundo*). Hapenini era barcelonez. Imprensa em 1546 em Veneza, e depois reeditada em muitas outras cidades ;

— Schem Tob ben José Schem, da *Synagoga de Lisbôa*, auctor do SEPPER EMUNÁH (ou o *Livro da Fé*), em que firma as bases da fé judaica ; auctor ainda dos seguintes livros : — *Praticas sobre a lei* (Veneza 1547) ; — *Commentarios Kabbalisticos sobre as lettras do alphabeto hebraico* ; — e *Commentario* ao MOREH NEBOKIM do rabbi Samuel ;

— Jacob ben Chabib R. Selomoh, que escreveu os 4 seguintes tratados analyticos das 6 ordens da **Mischna** : — HEN JACOB, (ou o *Olho de Jacob*), — HEN ISRAEL (ou o *Olho de Israel*), — BETH JACOB (ou a *Casa de Jacob*), e — BETH ISRAEL (ou a *Casa de Israel*).

Muito importante deve então ter sido esta obra para o povo judêu, dado o grande numero de edições que ella teve em diversas partes da Europa ;

— José ben Schem Tob, philosopho, jurista, arabista e hebraista, auctor do CEBÔD ELOHIM (ou a *Gloria de Deus*).

E quantos — e quantos outros !

Mas para que augmentar esta lista? — si o que ahi fica já basta para demonstrar que

— NO TEMPO DE JOÃO RAMALHO HAVIA EM PORTUGAL O **meio judaico**, E QUE, PORTANTO, É MUITO PROVAVEL QUE RAMALHO TENHA FEITO PARTE DESSE MEIO.

O edito de D. Manoel, em virtude do qual foram os judêus expulsos de Portugal, veio cinco annos depois do edito que expulsou os judêos da Hespanha. Lá, o facto se deu em 1492; cá, a 30 de Maio de 1497.

Bafejada por esse decreto, a perseguição cresceu violentamente em Portugal, — não somente a de character publico, administrativo, como a de character particular. A retirada dos judêus era ás vezes imposta subita, summariamente, da noite para o dia, principalmente nas pequenas cidades, nas villas, nas aldêias. Ser *judêu* passou a ser synonymo do que havia de mais baixo, de mais indigno na especie humana. O judêu era o assassino do Christo, o algoz da innocente victima do Calvario. Ao judêu negava-se pão e agua, pois era elle o mais ignobil, o peor dos homens.

A intolerancia chistan, nascida do EXOTERISMO que vinha de Roma, dessa Roma mundana, sempre audaz e monopolizadora do céu, como si Deus não fosse pae de todos — não pôde mais supportar que nas aguas do Tejo e do Douro medrasse e florisse a flôr immar-

cescível do velho Hérmes, o *Lógos* da Isis eterna, perennemente fecunda, — solemne e deslumbrantemente immortal.

E o exodo então começou.

Seguiam os judêus para as outras terras da Europa; uns, para a Italia; outros, para a França; estes, para a Allemanha, a Hollanda, a Inglaterra e a Belgica; e aquelles, para a Turquia, para o Oriente, para toda a parte.

Eram familias inteiras que abandonavam seus lares e lá se iam caminho em fóra: — artistas, escriptores, typographos, poetas, medicos, philosophos, juristas, — todos levando comsigo as suas obras e os seus velhos e inéditos manuscriptos hebraicos, que foram enriquecer as bibliothecas de tantos outros paizes; levando comsigo as typographias, tudo que lhes era o *seu meio*, a *sua vida*, o seu *judaismo*...

O exodo durou annos. Em massa, no começo, foi se rarefazendo depois. Muitas familias judias, muitos judêos, por este ou por aquelle motivo, quasi sempre por falta de recursos, e até confiando em que melhores tempos não tardariam muito a vir — foram se deixando ficar no seio da mãe desnaturada, que, esquecida de sua maternidade, os expulsara como si não fossem seus filhos. Foram se deixando ficar, até que, perdida a esperança, reunido o peculio de que precisavam para a expatriação, um dia partiram como os outros, e lá

se foram por TODO O MUNDO — que é a sua illimitada patria, a sua ISRAEL de hontem, de hoje, de amanha, — de todo o sempre!

Portanto :

— FOI INCONTESTAVELMENTE ESSE O MEIO EM QUE VIVEU JOÃO RAMALHO ATÉ VIR PARA AS TERRAS DE SANTA CRUZ.

Descoberto o Brazil iniciou-se o periodo das expedições. Depois da de *Gonçalo Coelho* (1501), a de *Christovam Jacques* (1503); depois desta, a hespanhola de *Solis* e *Vicente Pinzon* (1508); depois desta, ainda a hespanhola do mesmo *Solis* (João Dias de—), em 1515; e depois desta a portugueza de *João da Costa*, em 1517.

João Ramalho, quer tenha ido para a Hespanha, quer tenha ficado em Portugal, pode ter vindo na primeira (1508) ou na segunda (1515) expedição de *Solis*, ou mesmo na expedição-*Costa*, de 1517; — pois como se sabe, deve elle ter aportado em terras brazileiras durante o septennio de 1510 a 1517

Si foi esse o *meio*, vejamos quaes as hypótheses mais acceitaveis em relação ao *signal* com que authenticava elle a sua assignatura.

No ponto de vista particular em que me tenho collocado, com o pensamento preso ao supposto *judaismo* de Ramalho, só me cabe tratar das hypótheses que eu denominarei :

- a ) — *híppica* (1), em falta de melhor termo;
- b ) — *horoscópica* ou *astrologica*; e
- c ) — *kabbalistica* ou *propriamente esoterica*.

Examinemol-as summariamente :

a ) — HYPÓTHESE HIPPICA

Na pequenina esphera dos meus conhecimentos ha uma falha que, em meio de muitas outras, vejo agora o quanto é digna de lastima : — ignoro a historia e a evolução da assignatura do homem.

Estou, porém, informado (e sem saber com que fundamento, ao menos extrinseco) de que a representação graphica da FERRADURA  foi usada em certo tempo e por certos homens como signal identificativo de seus nomes escriptos.

Assim deve ter sido, porque, entre os numerosos symbolos que, em *heraldica*, se encontram em escudos e braços, existe a *ferradura* e, digamos desde já, também se encontram a *cruz* e o *trevo*. Notavel aproximação destas tres insignias ; — pois já se viu que a  $\dagger$  é יהודה ; — a  o *septennario humano* ou *dominio do espirito sobre a materia, do Homem sobre a Natureza*; — e o trevo  ainda יהודה ! Tres symbolos absolutamente synonymos em sua ideographia, — tres

---

(1) — A da *Ferradura*.

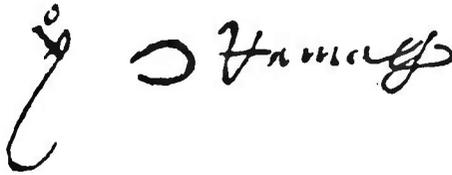
representações da mesma idéa. Si porventura parecer a alguém que o *septennario* não se reduza a 4 ou + (*cruz*), basta ler as notas (1), (2), (3) e (4) da pagina 75, com a parte do texto a que pertencem, — para se convercer dessa redução. Assim reduzido o *septennario* á fórma da *ferradura*, está representada a *materia* na sua *passividade feminina*, e tomados em sua significação os 7 *iôds* : — eis o Espirito creador, a actiuidade analogicamente masculina. Isso, para o plano cosmico. Para o plano biologico, eis, de um lado, o *homem e seu corpo*, e do outro — a *Natureza e suas fórmas*.

Deixou João Ramalho a patria querida para ir tentar a vida em nova e extranha terra. Por toda a parte o desconhecido, a escuridão impenetravel. Que iria ser feito delle, atirado ás solidões selvagens do Novo Mundo, á mercê do Homem americano — ainda impulsivo e rudimentar em seu desenvolvimento psychico? A que apegar-se o portuguez expatriado, rude e ignorante, ferido assim pelo destino cruel? Nessa lucha intima, em que tudo é movel, instavel como o oceano, — qual a sua taboa de salvação, o rochedo em que lograsse por o pé, o talisman em que *condensasse, focalizasse* a sua vontade, afim de ganhar nessa pugna a energia que estava em bancarrota ?

— A FERRADURA traz FELICIDADE. A *ferradura* será o meu *symbolo*, o meu *signal*, pensou comsigo João Ramalho ..

feito em 20  
João Ramalho  
31 X 34

E annos depois insculpia essa *auto-sugestão grafica e hominizadora* de permeio aos seus dous nomes :

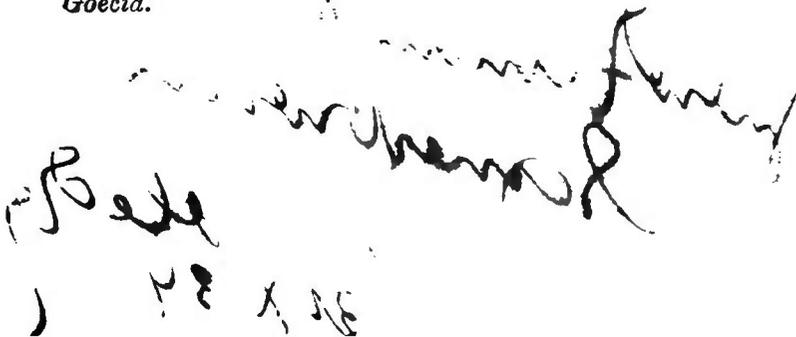


— Mas, então, si foi a ferradura o symbolo, o talisman de que se serviu nos actos officiaes de Santo André da Borda do Campo — porque a inscreveu elle contra a sua orientação natural ?

Eis uma das razões por que a *hypóthese hyppica* me parece inaceitavel.

Com effeito, todas as cousas são representadas pelo homem nas suas posições naturaes. A posição natural da ferradura desenhada numa folha de papel será sempre de cima para baixo, isto é, com a abertura para a parte inferior. E é assim que como ornato figura ella nos brazões e escudos da edade média.

Na psychologia das *superstições* é lei verificada que *os objectos são representados no sentido natural de sua orientação*. Os feitiçeiros invertiam os talismans magicos, feitos para a obra do Bem, para servir á *Magia Branca* ou *Theurgia* ; invertendo-os, elles procuravam o polo opposto. A obra dos feitiçeiros, sabe-se de sobejo, era a obra do Mal, da *Magia Negra* ou *Goécia*.



Porque havia João Ramalho de inverter até ao meio a posição natural da ferradura? Não sabia elle que, deslocando-a, mesmo na distancia de um quarto de circulo, como o fez, annullava no talisman a virtude nelle buscada?

Fosse o seu signal a representação da ferradura— e elle não o teria ignorado. As superstições têm exigencias que o supersticioso jámais deixa de satisfazer.

Fosse, porém, a ferradura o seu signal, e teria então sido o symbolo da vontade *focalizada*, que é a Fé. E a fé é tudo; tem feito, faz e fará tudo, — porque abala as montanhas, *āgitat molem*, e o homem sem fé é um pedaço de terra incubando um espirito que dorme.

O *Homem* se faz. João Ramalho ter-se-ia feito nesse momento.

Mas isto é a hypóthese do *rude*, do *ignorante*, do *analfabeto*, — hypóthese que depende da prova anterior desses tres termos; e si João Ramalho foi judêu, João Ramalho deve ter sabido ler.

Eis a *supersticiosa* e inaceitavel hypóthese *hipica*, — *hypóthese da ferradura*.

#### b) — HYPÓTHESE HOROSCÓPICA OU ASTROLOGICA

O João Ramalho desta hypóthese é já bastante mais culto que o da antecedente. Apesar disso, pôde-se ainda suppol-o analfabeto. Mas elle já sabe,

com o seu meio e a gente do seu tempo, que os céus contêm o destino dos homens, e que nos astros, que presidem ao nascimento dos seres vivos, estão contidas as *possibilidades* do futuro.

— ASTRA INCLINANT, NON NECESSITANT.

Si os astros predispõem e não obrigam, é bom saber as *possibilidades* adversas do futuro, para evitalas em tempo. Desvia-se do atoleiro o sujeito que sabe onde o atoleiro está.

E', portanto, bem possível que elle tenha ido pedir a algum astrólogo ambulante (☿ quão communs não eram elles então!) a palavra do seu destino, — o levantamento do seu *horóscopo*.

Hoje não mais se sabe *quando* nasceu João Ramalho; portanto, si hoje houvesse astrólogos, nenhum delles poderia dizer qual o seu logar no Zodiaco, qual o seu PONTÃO DE INCIDENCIA das influencias planetarias que o impelliram durante a vida. Haja no emtanto um astrólogo, e nem tudo estará perdido. Como parte do thema genethliaco, elle tomará o nome — JOÃO RAMALHO; passal-o-á para o hebraico ou para o latim, e verificará que a *somma de* IŌHĀNNĒS é 14 (= 5) e a de RĀMĀLE, 47 (= 11). — *Iŏhānnēs* é o *substantivo*, o *nome* de baptismo; — *Rāmāle*, o *qualificativo* desse substantivo: — 5, que representa o *nome*, é ao mesmo tempo a fórmula organica mais aperfeiçoada, mais zoologicamente synthetica do nosso planêta, — e 11, que representa o *qualificativo*, é o modo de

ser daquelle nome, a sua QUALIDADE especializada num individuo. Ora, o 5 ou ה hebraico é o symbolo hermetico do Homem  como MATERIA & ESPIRITO.

(symbolo que, antropologicamente, aqui figura inserido no texto); — e o 11, numero qualificador, derivado de héth ה (= vida elementar), que, por sua vez, vem de Hê, ה, (= vida potencial, em abstracto, em absoluto), é KÁF, כ como já se sabe. — 11 ligado a 5 (= Efeito ligado á causa, qualidade ligada á substancia, sobrenome ligado ao nome), só póde indicar, neste caso de individualização astrologica, « RIQUEZA » e « DOMINIO » depois do 5.



No horóscopo de João Ramalho tinha que ser fatalmente consultado o quadro astrologico dos Arcanos maiores, nos numeros de ordem 14 e 11, que lá figuram em cifras romanas.

Pois bem : — XIV é o «arcano» dos grandes perigos para os *apathicos*, para os *irresolutos* (influencia provinda de SCORPIO e do SOL); XI é o arcano das empresas arrojadas seguidas de bom exito, o arcano dos obstaculos vencidos (Influencia de VIRGO e MARTE).

Que Ramalho não foi *apathico*, prova-o toda a sua vida.

— «Homem que SERÁ RICO, — homem que DOMINA-

RAÁ», talvez lh'ò houvesse dito o astrologo entre as demais cousas indicadas por seu horóscopo.

E então, dos signaes ou symbolos astrologicos traçados nas casas de seu thema genethliaco, guardou Ramalho de memoria, supersticiosamente, o  $\supset$ , capaz de lhe dar o «DOMINIO e a RIQUEZA».

È um dia, quando teve de authenticar a sua assignatura binômine, nella intercalou o *káf*, separando os dous nomes; e ficou escripto: — JOÃO  $\supset$  RAMALHO.

Essa — a *Hypóthese astrologica*, que de modo algum exclue a meu vêr a idéia de JUDAISMO.

Como com o *In hoc signo vinces* da visão de Constantino, João Ramalho seria vencedor com o  $\supset$ : — dominaria, seria rico e feliz.

#### c) — HYPÓTHESE KABBALISTICA

##### OU PROPRIAMENTE ESOTERICA

Esta hypóthese já requer de João Ramalho uma ordem de conhecimentos muito superiores aos das duas hypótheses precedentes, mesmo que por uma excepção *quasi* absoluta (si é permittida essa expressão) tenha elle sido analfabeto.

Si o foi, não ha excesso de imaginação em suppol-o ligado a kabbalistas amigos, que, muito interessados por seu futuro, lhe tenham soprado aos ouvidos as risonhas possibilidades do seu porvir.

Todos nós conservamos facilmente de memoria

aquillo que nos agrada. O negociante que não confia nas suas conjecturas sobre um dado negocio; a esposa que tem receios de um *caminho* por onde o marido começa a deslizar; o rapaz que, pela primeira vez, se aventura a qualquer cousa perigosa, como, por exemplo, uma viagem longa, por mar, um pedido de casamento. de resultados duvidosos; a senhorrta que, esquiva e melancolica, espicha o olhar saudoso e languido por um sonho além, que parece não ter fim, — todos conservam admiravelmente de memoria os oraculos dá cartomante consultada, a *buena-dicha* que, meio em transe, lhes leu a chiromante na palma das mãos.

A' força de repetidamente ouvir as *possibilidades* de seu futuro, póde João Ramalho tel-as conservado de memoria; póde ter JUDAIZADO COM OS JUDEUS DO SEU MEIO, kabbalistas ou não; porque, em ultima analyse, a *fé* é um verbo que se conjuga, mas que se não escreve.

Em seu tempo, a lucta contra o judaismo estava acirrada. Não nos esqueçamos disso.

Não nos esqueçamos tambem de que, com os padres jesuitas que vieram de Portugal para cá, esse velho odio, talvez aqui latente, poderia converter-se em lucta de um momento para outro. Com effeito, esses missionarios vinham pregar a nova religião e erguer por toda a parte a mesma cruz em cujo nome foram os judeus (na Hespanha e em Portugal), primeiro perseguidos, e depois expulsos.

Não nos esqueçamos de que, aqui, eram os padres que mandavam então.

Si o signal da sua assignatura é o *káf*,  $\beth$ , elle, João Ramalho, dada a *hypóthese kabbalística*, oppunha, com a inscripção desse signal, a sua fé á fé catholica, apostolica romana, dos padres com quem teve de se chocar nas novas terras recentemente incorporadas aos dominios ultramarinos de Portugal.

Num dos actos mais solemnes, mais graves, da vida, porque se referem ao character, ao sentimento da justiça e do direito; no acto em que, lançando a sua assignatura, escrevendo o nome da sua pessoa, affirma o Homem a sua individualidade a destacar-se da de seus similhantes, — *nesse acto salva João Ramalho a sua consciencia, assignando de  $\beth$  nas actas e demais documentos publicos de então*. Conhecedor do novo meio social em que vivia, talvez o fizesse com a certeza absoluta de que ninguem surprehenderia naquelle pantáculo hermetico a significação que os kabbalistas lhe ensinaram; talvez o fizesse certo de que não veriam no symbolo mais do que um *simples signal differencial* dos outros signaes então usados. E assim sendo, elle não se revelaria o que era, evitaria a possivel perseguição, sem deixar de continuar a ser, perante Deus e a sua consciencia, o sectario da cruz hebraica, secreta e symbolica, do  $\beth$  ideographico, do *Christo em espirito*, nunca humanado, identico ao Pae ou Deus...

Então, nesta hypóthese, assignou elle « *de KAF* », porque :

I. — *Quarta* ( $4 = \overset{?}{\Pi} \overset{?}{+} \overset{?}{\Pi}$ ) das 7 letras duplas da HISTORIA ESOTERICA DA CREAÇÃO, só por isso já contém o  $\supset$  a *idéia de cruz*, idéia que se repete na sua numeração binaria ( $11 = 2$ ), que é **2**, isto é, o PRINCIPIO ( $10, = 1, = \vee$ ) MATERIALIZADO ( $1 + 1 = 2$ ) (*Essencia & Fôrma*), representado o primeiro termo por um traço vertical, **|**, (*1º numero depois da década* ou primeiro *um* do numero 11), e **2**, *somma* de 11 ( $1 + 1 = 2$ ), *segundo numero de ordem*, simbolicamente representado por um traço horizontal —. E como *um* e *dois* são indissolivelmente ligados, porque são o *creator se objectivando em sua obra* nos tres planos da Natureza, — o que resulta dessa ligação é a *cruz*, **+**, mais tarde figurada pelo « LÍNGAM SAGRADO », por sua vez composto do *phallus*, **|**, e do *cteis*, — (**| + —, = +**), — *representação binaria das forças embryonicas do Universo*.

João Ramalho tinha pois no  $\supset$  a CRUZ « OCCULTA ». E si elle não empregou a cruz romana foi certamente para não ser em seu credo religioso confundido com os sectarios do Romanismo.

Era como si dissesse de si para si :

— *Judêu-christão, sim ; judêu catholico, nunca.*

II. — Elle assignou « *de káf* » porque, nos mystérios do כָּהֵן-יִצְיָרָה (SÉPHER IETZIRAH), *káf* é a « *as-signatura* » do PODER, do DOMINIO, da RIQUEZA ( כְּבִיר ), e indica, physica e espiritualmente, o OLFACCTO. Talvez não seja extranha a isso a expressão « *ter faro* » para qualquer cousa.

*Káf* (= כ , = 11 ) vem de *Hét* (= ה , = 8 ) que, por sua vez, vem de *Hê* (= ה , = 5 ), e, em sua significação ascensional, evolve até *Gúmel* (= ג = 3 ), completando o SEPTENNARIO no Homem ( 8 + 5 + 3 = 16 , = 7 ) e o novenario ou NONARIO na Natureza, ( 7 + 11, *numero do כ* , = 18, = 9 ). Para completar o DENARIO (○), só falta uma unidade: — essa UNIDADE é o *Iód* ( י = 10, = 1 ), a letra-PRINCIPIO, a ineffavel « MÃE » das tres « mães » e de todas as outras, — a CAUSA DAS CAUSAS, sem a qual — nada existiria. *Káf*, כ está, pois, ligado a *iód*, י

O talisman de João Ramalho devia, portanto, estender a sua acção aos quatro angulos da Natureza — á immensidade da *Materia* como á infinidade do *Espirito*, — abrangendo assim o *Cyclo eterno* ou *perfeito*.

Este modo de vêr está de pleno accôrdo com o ensinamento hermetico.

III. — As *quatro* letras symbolicas OBJECTIVADAS, synthetisadas no כ , são pois, descensional ou involu-tivamente (Vide o *alphabeto*):

י, *Iôd*, a CAUSA PRIMEIRA, o PRINCIPIO DE TUDO, a « Mãe » das tres *letras* « mães » do alfabeto hebraico, e que, por uma especie de atavismo, se manifesta em todas as letras de sua descendencia, em condições sabidas pelos iniciados.

*Iôd* é o symbolo do PODER MANIFESTADO, e representa a *mão* (em geral) e o *dedo indicador* (em particular); symboliza a FORÇA, a INTELLIGENCIA em estado potencial. O *dedo* — mandando, ordenando.

1.ª } *Iôd*  
      } י, 10, = 1  
      } I, J

E' *Virgo*, ♍, no *Zodiaco*, 6.º

*signo*, , e na 10.ª lamina de ouro do «TAROT HERMETICO» [1] é a «*Roda da Fortuna*», gyrando entre os tres planos do Universo (= DEUS, NATUREZA e HOMEM);

*Iôd*, pois, na ontologia pratica, porventura ensinada a João Ramalho, será o João Ramalho *espiritual*, isto é, a — *fixação*, na *materia organica*, de um RAIOS DA LUZ ETERNA emittida por Adão-Kadmon (אָדָם קַדְמוֹן), — o *eviterno* «ANDRÓGYNO».

(1). — Nos baralhos cartomanticos chamados «*Tarot*» ou «*Jogo do Tarot*» está contida toda a doutrina occulta, no dizer dos mestres — quando esses baralhos (de 78 cartas) são a fiel reprodução das 22 laminas de ouro do «*Tarot Hermetico*».

ג — *Guimel*, a GARGANTA (*Larynge* e *Glotte*) DO HOMEM, tudo que puder ser função dos órgãos e dos nervos. Como garganta é o óvulo em que o *Pensamento*, descendo do cérebro, se vai materializar em palavra: — *Guimel*, ג o VERBO CREADOR, ENCARNADO: — a HUMANIZAÇÃO.

Isto, no plano subjectivo, abstracto.

No plano concreto, no dominio do Homem ג representa a mão meio fechada, no momento de pegar qualquer cousa: — a «ACÇÃO»; = o «MOVIMENTO», o «TRABALHO».

E' *Venus*, ♀, na *embryologia hermetica da Natureza trinitaria*, e a sua lamina tarótica representa o effeito do que é activo sobre o que é passivo: — o EQUILIBRIO, a FERTILIDADE, o AMOR.

Nos mysterios do «*Sépher Ietzrah*, (= ספר-צירה »), a dupla ג póde ser a paz ou a guerra; é o olho direito (que corresponde ao hemispherio cerebral (1) da palavra) e é ainda *Jupiter*, ♃ o signo astrologico das «HONRARIAS, do BOM-EXITO NO QUE TENTAR, e da RIQUEZA » ;

2.<sup>a</sup> { *Guimel*  
ג, = 3  
G, Gh, Gu'

1) — Lobulo esquerdo, 3.<sup>a</sup> circumvolução de Broca.

3.ª {  $H\hat{e}, \hat{E}$   
       $\aleph = 5$   
       $H$  ou  $\hat{E}$

—  $\aleph$ , *Hê* ou  $\hat{E}$ , *tudo que anima, vivifica e determina* : — o HÁLITO (1), o AR, o ESPÍRITO, — a VIDA-UNIVERSAL.

Nos mysterios do ספר ציריה é a VISTA, tanto *physica* como *intellectual* : — a «VISÃO».

$\aleph$  é o symbolo do «Iniciado tornado INICIADOR»; e, ideographicamente representado na quinta

(  ) lamina do Tarôt, é o PODER, a RELIGIÃO, a FÉ, — a acção triumphante no mundo das fórmas.

Nos mysterios do Zodiaco é *Áries*, , cuja séde é nas faculdades cerebraes, e que indica «Audacia, Coragem, Ambição, Honrarias, Bom-exito» ;

---

1) — O «hálito» no sentido do phenomeno duplo da RESPIRAÇÃO ( *Inspiração & Expiração* ).

— ן, *Hét*, guttural e aspirada, = *Ch, Kh*. A esphera physica da acção do Homem, dos seus esforços, do seu trabalho; — augmenta ou reforça o EQUILIBRIO de ן, e indica uma acção legislativa normal.

Como numero (Kabbala), symboliza a existencia elementar (a em que entram os 4 «elementos»), — a materialização QUATERNARIA da EXISTENCIA POTENCIAL : = 4 = ןהה.

Na oitava lamina de ouro do Livro Tarótico de Hérmes, a figura desenhada representa a JUSTIÇA, — forma absoluta do EQUILIBRIO (Latim: ÆQUI + LIBRIUM, = o «PESOEQUAL» para todos).

No Sépher Ietzirah (ספר יצירה) é a Palavra, no momento opportuno, — o Silencio, quando é preciso: — PRUDENCIA, «BOM-SENSE», «JUIZO».

Nos mysterios do Zodiaco é Cancer, , que indica “Viagens por agua”, “Fortuna”, “Boa-sorte”, “Supremacia”, — e é tambem Libra, , a JUSTIÇA (já registrada).

4.ª } *Héte*  
      } ן, = 8  
      } *Hét, Kh, Ch,*  
      } (guttural)

E ahí tem você as quatro lettras, cujas idéias devem de estar contidas no *Káf*. O *Káf* será, pois, a synthese philogenica dessa ideographia parcial.

Afim de que tudo se destaque a seus olhos perscrutadores, vou, antes de encarar o *Káf* como synthese, reduzir os *attributos* ou *qualidades* desses symbolos hermeticos (ligados á individualidade de João Ramalho) a um quadro comparativo contendo as quatro lettras hebraicas, quadro em que o signal :: indicará nas columnas das lettras os seus respectivos attributos e em que verá você como esses attributos se repetem, já synonyma, já verbalmente, como que se reforçando cada vez mais.

Eis o quadro, com os attributos em ordem alphabetica:

| Numero de ordem | ATTRIBUTOS<br>(= Qualidades, = Poderes)            | Iód | ⴌ      | ⴍ  | ⴎ   |
|-----------------|--|-----|--------|----|-----|
|                 |  |     | Guímel | Hé | Hét |
| 1               | Acção (Movimento, <i>Trabalho</i> )                |     | ::     |    |     |
| 2               | Ambição  |     |        |    | ::  |
| 3               | Audacia  |     |        | :: |     |
| 4               | Boas funções organicas, <i>Saúde</i> (1).          |     | ::     |    |     |
| 5               | Bocca ( <i>A palavra, o verbo realizador</i> ) (2) |     | ::     |    | ::  |
| 6               | Bom exito, <i>Successo</i> .                       |     | ::     | :: |     |
| 7               | Dedo indicador ( <i>Commando, Ordem</i> )          | ::  |        |    |     |
| 8               | Equilibrio ( <i>Justiça</i> ).                     |     | ::     |    | ::  |

(1) Deduzidos dos numeros de ordem 8 e 9.

(2) A «*Palavra suggestiva, creadora*», o «*Verbo realizador*», são synonymos do «*Poder manifestado*» do n. 16, de triplice existencia em Iód, Guímel e Hé.

| Numero de<br>ordem | ATTRIBUTOS<br>( = Qualidades, = Poderes )                           | (Continuação) |        |    |     |
|--------------------|---|---------------|--------|----|-----|
|                    |   | Iod           | Gwimel | Hé | Hét |
| 9                  | Força .   | ::            |        |    |     |
| 10                 | Honrarias ( <i>Distincções</i> ).                                   |               | ::     | :: |     |
| 11                 | Intelligencia   | ::            |        |    |     |
| 12                 | Juizo ( <i>Ponderação, Bom-senso, Criterio</i> )                    |               |        |    | ::  |
| 13                 | Legislação normal ( <i>Cargos de — ?</i> ).                         |               |        |    | ::  |
| 14                 | Luctas, guerras   |               | ::     |    |     |
| 15                 | Mão ( <i>Acção sobre o mundo</i> )                                  | ::            | ::     | :: | ::  |
| 16                 | Poder manifestado (1)   | ::            | ::     | :: |     |
| 17                 | Prudencia.  |               |        |    | ::  |
| 18                 | Religião, Fé  |               |        | :: |     |
| 19                 | Riqueza   |               | ::     |    | ::  |
| 20                 | Roda da Fortuna   | ::            |        |    |     |
| 21                 | Silencio ( <i>quando necessario</i> )                               |               |        |    | ::  |
| 22                 | Sorte ( <i>Felicidade</i> )   |               |        |    | ::  |
| 23                 | Supremacia  |               |        |    | ::  |
| 24                 | Viagens por agua  |               |        |    | ::  |
| 25                 | Venus ( <i>Amor, Fecundidade</i> )                                  |               | ::     |    | ::  |
| 26                 | Vida intensa (2)  |               |        | :: |     |
| 27                 | Visão ( <i>de grande alcance, physica ou<br/>mental</i> ) . . . . . |               |        | :: |     |

(1) Este «poder» se encontra, pois, reforçado nos numeros de ordem 1, 3, 5, 6, 9, 13, 20, 23 e 27.

(2) A «Vida intensa» está também contida implicitamente em varios outros attributos do quadro, como por exemplo, nos ds ns. 1, 9, 14, etc.

Um rapido olhar no quadro mostra os suppostos attributos que devem reaparecer no *káf*. Assim, pela ordem da intensidade, isto é, dos maiores para os menores, esses attributos serão :

1.º

$\overline{\overline{\begin{array}{c} \text{ד} \\ \text{ה} \\ \text{ג} \\ \text{י} \end{array}}}$   
(4 letras)  
Quaternario

— ACÇÃO EFFICAZ, PODEROSA, SOBRE O MUNDO EXTERNO, como reflexo do mundo interno ou subjectivo.

E' a *synthese* do quadro.

(Com effeito, são 4 *letras* ou symbolos, cuja somma (17) é exactamente a mesma de דהרה ; 17 é porêm  $1 + 7 = 8$ , que é o numero dos dous quartenarios (o visivel e o invisivel), o numero kabbalistico do *Tetragramma crucial* (= +) simultaneamente tomado na sua *bi-polaridade*, — a *potencial* e a *real*).

2.º

$\overline{\overline{\begin{array}{c} \text{ד} \\ \text{ה} \\ \text{ו} \end{array}}}$   
(3 letras)  
Ternario

— *Manifestação, realização desse attributo*, agora contida em objectivação nas tres *letras* ou symbolos ד ה ו, cuja somma é 9, o triplice ternario do *Homem*, da *Natureza* e de *Deus*.

3.º

5, 11,  
(2 letras)  
Binario

— *A palavra suggestiva, o verbo realizador, isto é, a capacidade de convencer, de se fazer acreditado, crido. Vêem-se no quadro 6 binarios correspondentes aos ns. de ordem 5, 6, 8, 10, 19 e 25. Em quatro delles (ns. 5, 8, 19 e 25) a somma kabbalistica de cada um é sempre 11 (= 2) ou 2 final. Nos dous outros (ns. 6 e 10) a somma é 3 para cada um. A somma dos quatro terminados em 11 ou 2 final é tambem 3, quer se somme um ou outro numero.*

Portanto: *Equilibrio, Justiça, Bom-exito e Riqueza.*

Assim, pois, os *attributos principaes* contidos *potencialmente* no supposto 2 de Ramalho, são :

CAPACIDADE DE AGIR EFFICAZMENTE  
SOBRE O MUNDO EXTERNO, JÁ POR MEIO DA  
PALAVRA, JÁ PELA ACÇÃO PHYSICA, JÁ PELOS  
SENTIMENTOS DE JUSTIÇA E DE EQUIDADE,  
E JÁ FINALMENTE PELO DINHEIRO.

Mas, além desses reforçados attributos de que, esotericamente, foi elle o *ponto de convergencia*, muitos outros houve, secundarios, isolados, mas que nem por

isso deixam de ter a sua significação (1). Com effeito, qualquer ou quaesquer que se tomem, todos elles virão enriquecer ainda mais a já opulenta ideographia desta hypóthese.—Esse factó é altamente significativo para todos aquelles que tiverem lido e comprehendido as obras, propositalmente obscuras, que tratam deste assumpto.

Mas, como ficou dito ha pouco, tudo isso ainda está em *estado de capacidade, de potencialidade*, estado que vai descer ao mundo da acção, das fórmás, ao ESTADO DE REALIDADE com o apparecimento do  $\supset$ .

### O Káf

IV.—Eis agora o  $\supset$  como synthese, como realização (2).

Por ser a *quarta* das letras *duplas* ( $2 \times 4 = 8$ ) contém nesse character de duplicidade o *octonario* (8) que elle eleva ao *denario*  $\bigcirc$  ou *Cyclo completo* com a addição do seu valor (2, *somma theosophica* de 20) proprio ou formal:  $8 + 2 = 10$ .

— Eil-o ! E' a cruz tetragrammatica  $\begin{array}{c} \text{?} \\ \text{H} \\ \text{I} \\ \text{H} \\ \text{?} \end{array}$ , o symbolo « *ineffavel* » da SCIENCIA SECRETA, do ensina-

(1) Em numero de 19, os que vão dos ns. de ordem de 1 a 4, e 7, 9, 11, 12, 14, 17 a 24, e 26 e 27.

(2) Continuam ainda as conclusões começadas na pagina 108 e numeradas com algarismos romanos.

mento e do poder dos iniciados ; é a *realização* dessa *Sciencia*, o talisman que facilita o *domínio*, e que rasga o caminho á *riqueza*. Repare que extranho e illimitado poder não é o seu ! Si evolve, si sobe até á sua primitiva origem, passa pelo Homem e com elle se confunde *plenamente* como SEPTENARIO (  $\aleph + \aleph + \aleph = 16, = 7$  ), e já o transpõe e se derrama em toda a Natureza como NONARIO ( 7 *homincl*, mais 11 *káft-có* = 9 ), para integrar-se logo na UNIDADE-PRINCIPIO (  $\aleph$ . *Iôd* ), a *Causa das causas*, o *Deus dos « deuses »*, = אלהים », — o « *Deus* » como a *humanidade* o *concebe* !

Eil-o em hebraico, escripto por extenso em seu nome alphabeticamente : קף = 10, = 1 ! E' a unidade potencial ; é *tudo*. Expandiu-se ? manifestou-se ? — então é o duplo de si mesmo, é 20 (= 2) em arithmetica ; — symbolo do PODER, da VICTORIA, da FELICIDADE : — כביר, = « POTENS », rico, poderoso ; — symbolo da segunda pessoa da TRINDADE, o « FILHO » ou « MITTÁTRON » ( מטטרון ), = 8, o « 8 » das « *Mathematicas occultas* » de Pythagoras, Wronski, Lacuria, Eliphas Lévi e outros ; — *Mittátron* ou o *Pae no Filho*, a *Luz em sua sombra*, o *Pensamento na cousa pensada* : —  $\frac{\aleph \aleph \aleph}{\aleph \aleph \aleph}$

— Eil-o! Nas possibilidades do destino humano é elle representado pela *mão direita meio fechada,*



*no momento de* AGARRAR, SEGURAR COM FORÇA qualquer objecto: — idéia de *masculinidade, positividade,* correspondente a

*Aod*, אָד, = 11 = 2; portanto: — FORÇA, — PODER.

-- Eil-o em Astrologia, das margens do Nilo ás ribas do Euphrates, das aguas do Hellesponto ás aguas do Tibre, á civilização romana, ao Occidente inteiro: — é o Sol (= ) mysterioso, a fonte segunda do calor, da luz, da electricidade, da vida.

— Eil-o em Alkímia. Continúa sempre inviolavel em seu hermetismo. E' o hieroglypho do OURO (= ) , o symbolo da RIQUEZA, donde talvez, como me infomaram, a sua existencia no *siclo* (1), cuja numeração póde indicar tanto '7 como 313 unidades.

— Eil-o nas *garras de leão* da ESPHINGE, quando significa a «*audacia*»; — nos seus *flancos de touro*, si é a «*força*»; — na sua *cabeça humana*, si é o *pen-*

---

1) O *siclo*, שִׁקְלָ , em latim, *Sícilūs*, é ao mesmo tempo um peso e uma moeda.

samento, a «*Vontade*»; — nos seus seios de mulher, si é o amor, si é «*Venus*», que cria, eleva, confraterniza; — nas suas azas de aguia, si é a «*intelligencia*», a «*imaginação*» alada ao Ideal, o «*silencio*» que engendra a MEDITAÇÃO e liberta o espirito da materia.

— Eil-o nas «*CLAVES E CLAVÍCULAS*» de Salomão, nesse livro admirabilissimo, quasi sem palavras, luminosamente reconstruido por Eliphaz Lévi, o grande iniciado, o mestre sem rival do renascimento esoterista da actualidade. Ahi, o  $\supset$  é o numero da «*Sciencia do Bem e do Mal*» em HÊ ou o INICIADOR, o

HYEROPHANTE ; — é a Quintessencia em Alkímia; a Lettra da Mulher e da Religião; — o Pentagramma da Theurgia ou da Goécia. Ahi, em HÉT, elle é o Quaternario multiplicado pelo Binario ( $4 \times 2 = 8$ ), outra fórmula do παν το παν, a Justiça absoluta, 

o Tetragramma e o seu reflexo: —  $\frac{\text{קוּבֵה}}{\text{מגמל}}$  — Ahi,

em GUÍMEL, ג, o  $\supset$  é o Ternario  a Agua 

a Mãe fecunda, a Geração, a Espada  (quaternario crucial), o Primeiro grande numero sagrado (3, TRINDADE), o Triangulo de Jehovah, o Mercurio dos sabios (= materia prima da «Grande Obra») ou.

Azóth  (1). — Ahi, em Iôd, elle é o numero da Creação (Cosmogonia) e do Reino de Deus, מלכות, = MALKUT, do Rei-Supremo אדני-מלך, = Adonai-Melek, — reino visível, principio NATURAL das cousas (ditas) sobrenaturaes; é a RODA DA FORTUNA gyrando em suas transformações eternas, sobre um eixo que só é revelado pela iniciação.

Até aqui, como lettra.

Depois, nesse mesmo livro extraordinario, mas agora como *symbolo mathematico*, káf é egual a:

כ = { — Binah ( = בינה ) EM GUIMEL ג ( =  )  
em mauritano : = ♀ ; = Δ ) : — INFELI-  
GENCIA.

כ = { — Geburah ( = גבורה ) EM HÊ, ה , =   
ou ארם-הורה ( = Adão-Eva, = Humanidade ) :  
— JUSTIÇA;

כ = { — Hód ( = הוד ) EM HÉT, ה , =  : —  
as BASES, o ALICERCE, o FUNDAMENTO ;

(1) = «Dissolvente universal.»

$\beth = \left\{ \begin{array}{l} \text{— Malkut ( = מלכות ) em IôD ך ; é } \textcircled{\begin{array}{c} R \\ A \text{---} T \\ \text{---} O \\ T \end{array}}, \\ \text{de onde se extrai RÓTA, TÁKO ( 1 ), TARÔT} \\ \text{e ATÓR. Em Hód, o « REINO » ou « MAL-} \\ \text{KUT », o que não tem principio nem fim,} \\ \text{— ainda אֵיךְ-סוּךְ ; e} \end{array} \right.$

$\beth = \left\{ \begin{array}{l} \text{Em si ( ך em ך ) é a Unidade synthetica, —} \\ \text{o Numero da FORÇA, o Homem feito de} \\ \text{VERDADE, a Edade da RAZÃO.} \end{array} \right.$

E como si tudo isso ainda não bastasse nessa SYNTHETIZAÇÃO kabbalistica, lá está elle, com os mesmos attributos, nos tratados de alkimia de Arnaldo Willeneuve, Raymundo Lúlio, Rogerio Bacon, Theophrasto Paracelso e Alberto o Grande. Chave do «OURO POTAVEL», é elle um dos symbolos do «*elixir de longa-*

(1) A palavra «*Tarot*», escripta á franceza, é originaria do sánskrito Tar-ô, que quer dizer — *Estrella-fixa*

Em seu livro intitulado *Les XXII lames hermetiques du Tarot Devinatoire* pensa R. Falcozier que tal nome se refere á estrella polar, porque na antiga astrologia essa estrella era o symbolo da *tradição immutavel* (= *estrella-fixa*).

Acho, pois, que a palavra deve ser escripta e pronunciada *Táro* em portuguez, tanto mais quanto é certo que a figura supra é um pantáculo, um symbolo hermetico de valor quaternario em si, e septennario na somma das 16 letras dos seus quatro seguintes anagrammas kabbalisticos : — *Róta, Taro, Atór e Tóra*.

Os allemães escrevem de dous modos essa palavra: *Tarock* ou *Tarok*, que pronunciam «*tároc*» (A. BIRMANN, — *Dicc. all.-frances*). Os inglezes (*Dicc.* de Webster) escrevem *Tarot* e pronunciam «*tárôt*» e tambem escrevem *Tároc* por causa dos respectivos baralhos italianos *Tarócco* e *Tarocchi*, e para os quaes ainda tem o vulgo uma terceira palavra : — *Mínchiatí*.

Não comprehendo, pois, porque se repete o —t—, dando cinco letras a uma palavra que, etymologicamente, só tem quatro.

*vida*» da famosa «MEDICINA UNIVERSAL». Elle é o *repouso* e o *movimento* na Natureza; o *dia* e a *noite*; o *somno* e a *vigília*; o *continente* e o *conteúdo*, o *macho* e a *femea*, em todas as cousas, em todos os planos, em todas as accepções. — «*Chave de todos os imperios, segredo de todos os poderes*» (no dizer de Eliphaz Lévi), elle vivifica as paginas profundamente desveladoras do TALMUD, e, em Magia, — *atrai*, *coagulando*, — *transforma*, e *objectiva*, *dissolvendo*... Foi elle a visão ophídica do Éden. Em cada facta da Biblia ha um signal da sua passagem, um echo da sua intelligencia. Integral, «divino», *ineffavel* como a CRUZ PSYCHICA que o Homem ideographou no lenho, no ouro, no marmore, na prata, no cobre, etc., elle é a *alma* das duas columnas do Templo de Salomão, *Jakin & Boaz* e foi elle quem separou os sexos (que eram *unidos*) muitos mil annos antes que a moderna embryologia nos viesse dizer que os sêres vivos foram bisexuaes em sua origem. Elle é a condição de exito, *sine qua non*, das mysteriosas «CADEIAS MAGICAS» dos ADEPTOS, dessas formidaveis baterias vivas, que, no dizer dos Iniciados, projectam, de um extremo a outro do mundo, a vontade collectiva, magneticamente dynamisada, si della precisa a obra do BEM. S. João o *re-velou* nas paginas allegoricas do «APOCALYPSE», e Hérmes na sua «TÁBOA DE ESMERALDA». Elle está nos «VERSOS AUREOS» de Pythagoras, em todos os pensamentos dos poemas orphicos, nas doutrinas de

Platão, nas cogitações de Santo Agostinho e em toda a vasta historia dos *Illuminados*.

Esdras materializou o *Mozcismo* e S. Paulo desnaturou a pura doutrina hermetica de Jesus, o discipulo e a divina hostia dos Essenios, votada desde o berço para a humanização de יְהוֹשֻׁעַ (IESUA). Era, porém, já tarde para que tudo se perdesse da memoria dos homens. Os symbolos, os pantáculos e o ensino secreto persistiram, e são o suppedaneo eterno e deslumbrante da tradição, sobre o qual *Isis*, formosa entre as mais formosas, continúa a dirigir os destinos do mundo, sob o seu manto estrellado.

Na opulenta synonymia dos pantáculos um desses symbolos é o  $\beth$  ou *Cruz Hérmética*, de ideographia universal, e que, empregado por João Ramalho, pôde ser traduzido como o signal secreto do seu *judaismo*.

O *káf* é, pois, nesta terceira hypóthese, uma grande *syntese magica*, um pantáculo hermetico, um talisman de altissimo valor kabbalístico, — o symbolo escolhido para a significação da sua fé religiosa.

João Ramalho o escreveu de permeio á sua assignatura, em nome talvez dessa grande e purissima fé primitiva e em nome tambem das suas aspirações de :

**— Poder, Dominio, Felicidade e Riqueza.**



## BIBLIOGRAPHIA



## BIBLIOGRAPHIA

Auctores e obras que, salvo erro de interpretação,  
me habilitaram a escrever esta monographia :

FABRE D'OLIVET :  
La langue hebraïque restituée (2 vol.  
1815)

ELIPHAS LÉVI :  
Dogme et Rituel de la haute Magie  
Histoire de la Magie  
La clé des Grands Mystères  
*Claves e Claviculas* de Salomão

LOUIS MÉNARD :  
Hermès Trismegiste

STANISLAS DE GUAITA :  
Au seuil du Mystère  
Le Serpent de la Genèse  
La clé de la Magie Noire

BARLET :  
L'évolution de l'Idée  
L'Instruction Intégrale  
Essai de chimie synthétique

BERTHELOT :  
Les origines de l'Alchimie

LOUIS FIGUIER :  
Le secret d'Hermès

A.—P. SINNETT :  
Esoteric Buddhism  
The occult world

A. BESANT :  
The Seven Principles of Man  
Karma

E. BOSO :  
Isis dévoilé  
Dictionnaire d'Occultisme

AO. FRANK :  
La Kabbale

RAGON :  
La Messe et ses Mystères

SAINT-YVES D'ALVEYDRE :  
La mission des jnifs

DR. TH. PASCAL :  
Les sept principes de l'Homme

BOLUFER :  
Bāgavād-Gīta (traducção do sânskrito)

LÉVÊQUE :  
La Science de l'Invisible

A.—R. WALLACE :  
The miracles and modern spiritualism

ALBERT DE ROCHAS :  
L'extériorisation de la sensibilité  
L'extériorisation de la motricité  
Les états profonds de l'hypnose  
La lévitation du corps humain  
Les effluves odiques (d'après Reichenbach)

ROISEL :  
L'idée spiritnaliste

- DUPUIS :  
Origen de los cntos (traducção do francez)
- WALKER :  
Lo que es la Theosophia (traducção do inglez)
- A. HAATAM :  
Astrologie Judiciaire
- FOMALHAUT :  
Manuel d' astrologie spherique et judiciaire
- STAR :  
Mystères de l'Horoscope
- ROGERIO BAOON :  
Les prodiges (tradncção do inglez)
- F. VON BAADER :  
Les enseignements secrets de Martinez de Paqually
- G. DE LAFONT :  
Le Buddhisme  
Le Mazdéisme
- ☸ :  
La lumière d'Egypte  
La dynamique celeste
- VERNEUIL :  
Dictionnaire des Symboles
- C. DE PLANCY :  
Dictionnaire infernal (2 vol, 1818)
- M. N. PH. SANDER :  
Dictionnaire hébreu-français
- J. VICÈRE :  
Le prophète de l'Apocalypse
- H.—P. BLAVATSKY :  
Clave de la Theosophia (traducção do inglez)
- GISIER (DR. PAUL—) :  
Analyse des choses
- G. D'EICHTAL :  
Les Evangiles
- J.—B ROUSTAING :  
Los 4 Evangelios (traducção do francez)
- PAUL RÉGLA :  
Jesus de Nazaréth
- CH. DREYSS :  
Chronologie Universelle
- MONNIER :  
L' Art Sacerdotal Antique
- MIGNE :  
Dictionnaire des Sciences Occultes
- PERNETY :  
Les fables egyptiennes et grecques dévoilées (1758)
- P FLAMBART :  
Essai d'astrologie expérimentale
- DELAOROIX :  
Dictionnaire historique des cultes religieux (3 vol.)
- EUGÈNE NUS :  
Choses de l'autre monde  
Les dogmes nouveaux  
Les Grands Mystères  
Vivisection du Catholicisme
- La revue *Annales des Sciences Psychiques*, do começo (1891) até hoje  
La revue «INITIATION»  
La revue «L'HYPERCHIMIE, ROSA-ALKEMICA»
- QUINGSLAND :  
La base esoterica del Christianismo
- E. MANERA :  
Nosce te ipsum
- BALLESTEROS :  
Fuerzas de la vida
- BONNEMÈRE :  
El alma y sus manifestaciones á través de la Historia (traducção do francez)
- A. KINGSFORD :  
La voie parfaite et le Christ ésoterique (traducção do inglez)

FLORENCIO POL :  
Inexistencia de la materia

HÉLION :  
Sociologie absolue

ATHANASIUS KIRCHER :  
De la Kabbale hermetique (traducção do latim)

P. CHRISTIAN :  
Histoire de la Magie

COULOMS :  
Le secret de l'Absolu

MARO-HAVEN :  
Oeuvres d'Arnud de Villeneuve

F. ARNOLO :  
La Lumière de l'Asie (traducção do inglez)

F. G. LAOURIA :  
Les harmonies de l'Être

FAUGÈRE ;  
La création de l'Être

R. FALCONNIER :  
Les XII lames hermetiques du Tarot Dévatoire.

CHATEAU :  
Kabbala Denudata (Le Zohar)

PÉTIN  
Dictionnaire haglographique

PERRIN :  
Origine des dieux, des héros des fables et des mystères du paganisme

J. KAPPE :  
Etude sur les origines et la nature du Zohar

DIOGO OO ROSARIO  
Flos Sanctorum

A. POISSON :  
Theories et Symboles des alchimistes  
Cinq traités d'Alchimie (Paracelse, Albert le Grand, Rogerio Bacon, Ray-

cardo Lulio et Arn. de Villeneuve)  
Nicolas Flamel

DURANO (De Gros) :  
Le merveilleux scientifique

DELSŒUF :  
La matière brute et la matière vivante

CAITHNESS :  
La Theosophie Universelle  
Interprétation esoterique des livres sacrés

A.—JHONEY :  
Le Royaume de Dieu

A. COSTE :  
Les phénomènes psychiques occultes

M.—T. FALCOMER :  
Introduction au Spiritisme expérimental moderne

H. BLANO :  
Le Merveilleux

EQUILAZ :  
Teoria de la immortalidad del alma

R.—G., ET M. GARREI :  
Les Messies Esseniens

L. MAYOU :  
Le secret des Pyramides

CL. BERNARD  
Science expérimentale  
Phénomènes de la vie

H. SICARD :  
L'évolution sexuelle dans l'Espèce-Humaine

LOUIS ROULE :  
L'embryologie générale

RAUL PICTET :  
Etude critique du Matérialisme et du Spiritisme par la Physique Expérimentale

MATGIOI :  
Traité des influences errantes de Qian-gdzá (Esoterismo chinois)

---

|  |                                       |
|--|---------------------------------------|
| EMILE SOLDI (1) :                          | La Kabbale                            |
| La Langue Sacrée — La Cosmoglyphie         | Le Tarot des Bohémiens                |
| — Le Mystère de la Création (1897),        | Traité élémentaire de Magie Pratique  |
| gr. — 677 ps., illustrado                  | Les Arts déviateurs                   |
|  | Chiromancie                           |
| ED. SCHURÉ :                               | Traité élémentaire de science occulte |
| Les Grands Initiés                         | Martinésisme, Willermosisme et Mar-   |
| Sanctuaires d'Orient                       | tinisme                               |
| L'Ange et la Sphinge                       | Anatomie philosophique                |
|  | Martinez de Pasqually                 |
| PAPUS :                                    | La Science des Mages                  |
| <i>Scientia Occulta</i> (Traité methodique | Louis Claude de Saint-Martin          |
| de la —)                                   | La Magie et l'Hypnose.                |

---

(1) — Membro das Missões Artísticas e Científicas do Ministério da Instrução Pública e Bellas Artes da França. *Depois de 20 annos (1874—1894) de estudos comparados, no Oriente, na America, na Europa, etc., confirmou a existencia da Lingua Sagrada e apresentou seu importantissimo livro áquelle Ministerio.*

---

## INDICE

---

|   |    |
|---|----|
| A proposito de João Ramalho ( por Theodoro Sampaio ).                 | 3  |
| Carta do auctor a Theodoro Sampaio.                                   | 9  |
| <i>Ao leitor</i> ( Exposição do assumpto de que trata este opusculo ) | 11 |

### FIGURAS

( *necessarias á comprehensão do texto* )

|   |    |
|---|----|
| Alphabeto Ideographico da Lingua Sagrada ou « Santa »                                     | 21 |
| O Zodiaco   | 22 |
| Os Planetas, os quatro Elementos primitivos, a Semana astrologica e o Pentagramma divino. | 23 |

### PRIMEIRA PARTE

#### O KAF, ק, DE JOÃO RAMALHO OU « PARTE HISTORICA »

|   |    |
|---|----|
| O symbolismo na Natureza  | 28 |
| A « Doutrina Occulta »  | 30 |
| As 3 letras <i>mães</i> , as 12 <i>simples</i> e as 7 <i>duplas</i> do alphabeto hebraico | 31 |

|   |            |
|---|------------|
| Razão do « segredo » na Doutrina de Hérmes                                      | 32         |
| O ensino secreto, iniciático, nos <i>Santuários</i> da antiguidade.             | 33         |
| Os continentes tradicionaes desaparecidos ( <i>Lemuria</i> e <i>Atlântida</i> ) | 34         |
| Hérmes Trismegisto  | 35         |
| Factores da alta civilização egypcia.   | 37         |
| Factores das civilizações kaldaica, assyria, phenicia e grega.                  | 38         |
| A « Sciencia Antiga » — integral e occulta                                      | 39         |
| Moysés e o « SÉPHER »   | 40         |
| A KABBALA.  | 41         |
| Os Essenios, iniciados e guardas do ensino secreto                              | 46, 47, 50 |
| Fundação do JUDAISMO, por Esdras, sobre o <i>Sépher</i> de Moysés.              | 47, 48, 51 |
| Necessidade de uma Biblia em grego.   | 52         |
| Versão do SÉPHER para o grego, pelos Essenios                                   | 53         |
| A <i>Biblia de Alexandria</i> ou VERSÃO DOS SETENTA.                            | 54         |
| O TALMUD  | 57, 58     |
| Luctas entre o Judaismo e o Christianismo                                       | 58, 59     |
| Necessidade de uma Biblia em latim.   | 61         |
| S. Jeronymo indicado para esse mistér   | 62         |

|  |            |
|--|------------|
| A <i>Biblia Catholica</i> ou VULGATA.                    | 64, 66, 67 |
| Traducções da VERSÃO DOS SETENTA<br>e edições da VULGATA | 64, 65     |

SEGUNDA PARTE

( *Evolução do Esoterismo. — Ideographia Káfica* )

|   |         |
|---|---------|
| Insufficiencia philosophica das Bi-<br>blias actuaes.   | 71      |
| Fósseis do Esoterismo primitivo resur-<br>gidos como « <i>superstições</i> ».                   | 72      |
| O « <i>M</i> » da palma das mãos.   | 72      |
| Identificação etymologica dos voca-<br>bulos <i>Materia, Mãe e Morte</i>                        | 73      |
| A « <i>Ferradura</i> »  | 74      |
| O « <i>Trevo</i> » de « 4 » folhas  | 76      |
| O analphabetismo de João Ramalho  | 79      |
| O judaismo hispano-portuguez, — epo-<br>cha da Alkímia, dos <i>philosophos herme-<br/>ticos</i> | 81 a 85 |
| Grandes judeus portuguezes e suas<br>obras  | 87 a 95 |
| A expulsão dos Arabes — da Hesper-<br>nha e de Portugal   | 85, 96  |
| João Ramalho viveu num « <i>meio<br/>judaico</i> ».   | 96, 98  |
| Expedições em que J. Ramalho pôde<br>ter vindo para o Brazil.                                   | 98      |

|   |           |
|---|-----------|
| Hypóthese hippica.  | 99        |
| Psychologia das superstições .  | 101       |
| Hypóthese horoscópica ou astrologica.                                       | 102       |
| Hypóthese kabbalistica  | 105       |
| Porque J. Ramalho assignou de <i>káf</i>                                    | 107 a 125 |
| Ideographia <i>iódica</i> .   | 110       |
| » <i>guimélica</i> .  | 111       |
| » <i>hêica</i>  | 112       |
| » <i>hetêica</i>  | 113       |
| Quadro analytico dos attributos kabbalisticos do nome <i>João Ramalho</i> . | 114       |
| Conclusões tiradas desse quadro.  | 116, 117  |
| Synthese das conclusões   | 117       |
| O <i>káf</i> encarado em si como synthese.                                  | 118       |
| Conclusão final, accetando a hypóthese do <i>judaismo</i> de J. Ramalho     | 125       |
| BIBLIOGRAPHIA .   | 127 a 132 |
| Indice  | 133       |
| Errata  | 137       |



## ERRATA

Na pagina 50, linha 25, sahiu o primeiro triangulo erradamente com o vértice para baixo — quando devia ser com o vértice para cima, assim :  $\triangle$

| <i>Página</i>      | <i>Linha</i>    | <i>Onde se lê</i>     | <i>Leia-se</i>          |
|--------------------|-----------------|-----------------------|-------------------------|
| 65                 | 4               | <i>de Ulphas</i>      | <i>de Ulphilas</i>      |
| 87                 | 3               | em se achavam         | em que se achavam       |
| 88 ( <i>Nota</i> ) | 1. <sup>a</sup> | ( ou « <i>Lus</i> » ) | ( ou « <i>A Luz</i> » ) |
| 91                 | 3               | impressos             | impresso                |





## DO MESMO AUCTOR

**O Chromo**, romance naturalista ( estudo de temperamentos

**Bouquet de Cousas**, ( 2 volumes ) :

1.º volume : — « *Estudos e Impressões* » ;

2.º volume : — « *Bouquet de Cousas* » e « *Kaleidoscopio* » ( Encyclopédia de numerosos assumptos de utilidade permanente ).

**Itáyaia**, *Ascensão ás Agulhas Negras*, — obra de interesse genuinamente brasileiro, do genero *Viagem*, e que lhe abriu as portas do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

**Navegação ares**. A conquista dos ares, — de Bartholomêu de Gusmão, a Santos Dumont ( — 1709 - 1901 — ).





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).